

MICHELLI MORETTI DE SOUZA

**AS SINGULARIDADES DE *MEMÓRIAS*, DE VISCONDE DE TAUNAY: FORMA,
VALOR E LUGAR**

TRÊS LAGOAS

2008

MICHELLI MORETTI DE SOUZA

**AS SINGULARIDADES DE *MEMÓRIAS*, DE VISCONDE DE TAUNAY: FORMA,
VALOR E LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Letras (área de concentração: Estudos Literários).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sheila Dias Maciel

TRÊS LAGOAS

2008

MICHELLLI MORETTI DE SOUZA

**AS SINGULARIDADES DE *MEMÓRIAS*, DE VISCONDE DE TAUNAY: FORMA,
VALOR E LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Letras (área de concentração: Estudos Literários).

COMISSÃO JULGADORA

Presidente e Orientador.....

2º Examinador.....

3º Examinador.....

Três Lagoas, _____ de _____ 2008

À FUNDECT, pelo financiamento da pesquisa.

À minha orientadora Professora Dr^a Sheila Dias Maciel, por ter acreditado em mim e me ensinado a sonhar com esse trabalho, incentivando-me com carinho e muita paciência, sempre se mostrando muito amável. Agradeço também pelas suas intensas contribuições em minha vida acadêmica, pois o seu amor pela Literatura e a sua maneira de ensinar me contagiou, fez com que despertasse em mim o interesse pelo universo da Literatura. Meus eternos agradecimentos.

Ao professor Dr. Carlos Erivany Fantinati, pelas aulas reveladoras dos meandros da pesquisa em literatura.

À professora Dr^a Kelcilene por suas contribuições no exame de qualificação e sua gentileza em ajudar.

Ao professor Dr. Sales e ao professor Dr. Belon por suas contribuições, não somente no período do Mestrado, mas em toda a minha formação acadêmica, sempre muito atenciosos e prestativos.

Ao Maycon, meu noivo, que muito tem me ajudado, sem medir esforços. Obrigada por seu intenso carinho, compreensão e apoio todos os dias.

Às minhas amigas, Michelle e Letícia, por estarem sempre dispostas a me ajudar, com muito desvelo e atenção.

Ao meu irmão que sempre tem se mostrado como um verdadeiro companheiro, sempre disposto a ajudar.

À minha família pelo intenso incentivo para que eu prossiga os meus estudos.

À minhas amigas, professoras Nádia e Sonia, pelos construtivos ensinamentos, amabilidade e constante incentivo a um aprendizado maior.

Aos funcionários Claudionor, Arnaldo e Irene, pela atenção e carisma com que sempre me atenderam.

A Deus, pela força que tem me dispensado diariamente em minha caminhada, pois é a minha fortaleza e refúgio, sentido de toda a minha vida, a razão da minha existência.

[...] juntar elementos de recordação, assinalar nos tempos idos pontos mnemônicos como que fincar marcos à beira do caminho andado, a suscitarem um mundo de reminiscência, cujos espinhos nos arranham, ou melhor, nos pungem, de cada vez que o espírito se demore por um pouco junto deles, reconstituindo, em súbita evocação, cenas inteiras do longínquo passado.

Alfredo D'Escragnolle Taunay

RESUMO

A Guerra do Paraguai e o desbravamento do Brasil central são os focos da escrita confessional do escritor Visconde de Taunay. Conhecido principalmente pela obra *Inocência* (1872), Taunay produziu também um conjunto de textos de diferentes feições sobre as experiências vivenciadas a partir de sua empreitada militar, dentre eles estão *Scenas de Viagem* (1868); *Diário do Exército* (1869); o conto “Irecê a Guaná” (1874) e *Memórias* (1946). Neste circuito confessional, a obra *Memórias*, objeto de estudo, chama atenção pela relação com a tradição narrativa da escrita memorialista e pela singularidade dos fatos apresentados, que trazem à tona uma longa seqüência de episódios sobre o período histórico vivenciado por seu autor: a Monarquia e a transição para a República. Ao rever as características de *Memórias*, sob óticas diferentes, discorre-se sobre a relação desta obra com o circuito confessional demarcado, do qual faz parte; sobre a lacuna crítica fruto de sua publicação tardia, sobre a forma narrativa das memórias e sobre o valor e o lugar deste texto póstumo na historiografia literária brasileira. Para tanto, o aparato teórico sobre confissão centra-se nos estudos de Lejeune (1994) e Todorov (2000), os conceitos sobre crítica literária advêm de Compagnon (2003) e Moisés (2002) e as informações sobre historiografia literária são pesquisadas em Bosi (1994); Candido (1997, 2002) e Moisés (2002).

PALAVRAS CHAVE: Visconde de Taunay; *Memórias*; circuito confessional; lacuna crítica; revisão.

ABSTRACT

*The Paraguay War of the clearing of Brazil the central are the focus of writing confessional writer of the Visconde de Taunay. Known primarily for work *Inocência* (1872), Taunay also produced a set of texts of different features on the experiences from their military works, among them are *Scenas de Viagem* (1868); *Diário do Exército* (1869), the story “*Irecê a Guaná*” (1874) and *Memórias* (1946). This circuit confessional, the work *Memórias*, object of study, draws attention by the relationship with the tradition of narrative writing memory and the uniqueness of the facts presented, that bring to light a long string of episodes on the historical period experienced by the author: the Monarchy and transition for the Republic. In reviewing the characteristics of *Memórias*, under different optical, talks about the relationship of this work with the confessional demarcated circuit, which is part; critical gap on the result of its late release, on the narrative of the memories and on value and the place of this text posthumous brasilian literary historiography. To this end, the theoretical apparatus on confession focuses on studies of Lejeune (1994) and Todorov (2000), the concepts on literary criticism comes from Compagnon (2003) and Moisés (2002) and information on literary historiography are searched in Bosi (1994); *Candido* (1997, 2,002) and Moisés (2002).*

KEY-WORDS: *Visconde de Taunay; Memórias; Circuit confessional; critical shortcomings; review.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 AS MEMÓRIAS, DE VISCONDE DE TAUNAY: PONTO DE PARTIDA.....	13
2 O CIRCUITO CONFSSIONAL DAS OBRAS DE TAUNAY.....	23
2.1 Sobre <i>Scenas de Viagem</i>	23
2.2 Sobre <i>Diário do Exército</i>	27
2.3 Sobre o conto <i>Irecê a Guaná</i>	31
2.4 O potencial autobiográfico: correlações.....	32
3 A FORMA NARRATIVA DAS MEMÓRIAS.....	38
3.1 Sobre a escrita de memórias: uma visão positivista.....	38
3.2 Sobre a escrita de memórias: uma visão contemporânea.....	43
3.2.1 Segundo P. Lejeune.....	48
3.2.2 Segundo T. Todorov	51
3.3 Entre o rigor científico e a descrença na República: <i>Memórias</i>	53
4 O LUGAR E O VALOR DE MEMÓRIAS: REFLEXÕES.....	61
4.1 O valor literário das <i>Memórias</i>	64
4.2 O lugar reservado às <i>Memórias</i>	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
ANEXO.....	78

INTRODUÇÃO

Toda crítica, por sua natureza mediadora, traz no seu bojo uma ligação inevitável com o presente, fruto da necessidade histórica de apresentar, para públicos diferenciados, a produção artística do seu tempo. No entanto, por motivos diversos, passa a ser tarefa da crítica voltar-se para o passado com o intuito ora de promover um discurso crítico sobre uma obra esquecida, ora de rever uma obra sob novo prisma conceitual.

Este retorno ao passado, portanto, não deixa de ser uma tarefa da crítica, já que, por crítica, compreende-se “o ato de julgar, isto é, conferir valor às coisas no caso das obras literárias” (MOISÉS, 2002, p. 113). Explicação ampliada pela visão de A. Compagnon (2003, p. 21-22):

[...] por crítica literária compreendo um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção.

Se criticar quer dizer *separar para distinguir*, como a própria etimologia textifica, compreendemos, pois, que esta distinção não se estabelece necessariamente em obras que precisam ser apresentadas contemporaneamente a um público diverso, mas, às vezes, pela necessidade de revisitá-las.

Nesta perspectiva, trazer à tona, hoje, a obra *Memórias* implica tanto reavaliar seu lugar no panorama da escrita de memórias no conjunto da literatura brasileira quanto suprir uma lacuna crítica causada por sua publicação tardia. Esta pesquisa se justifica por propor uma reflexão sobre uma obra oitocentista, publicada em 1946 e reeditada em 2005 (cf. referências bibliográficas), que faz parte de uma parcela aparentemente esquecida da produção de um autor de reconhecida importância. É nosso intuito avaliar, neste título selecionado, tanto as características da forma narrativa compreendida como memória quanto o lugar deste texto oitocentista na trajetória literária de seu autor e na história da escrita memorialística no Brasil.

Ao escolhermos trabalhar com uma obra pouco comentada ou não consagrada pela tradição literária, buscamos também compreender o desnível nos julgamentos recebidos pelo autor Visconde de Taunay, que deixou um conjunto de cerca de quarenta obras, parece

ter recebido pouca atenção por parte da crítica. Apenas dois romances possuem fortuna crítica relevante: *Inocência* (1872) e a *Retirada da Laguna* (1871). Para o restante da obra há apenas uma lacuna teórica. Segundo Alfredo Bosi (1989, p. 161):

(...) nada mais fez que se comparasse sequer à realização de *Inocência*. Voltando-se para o romance de ambiente urbano e grã-fino, decaiu ao nível da sublitteratura francesa da época, [...] sem que as qualidades de observador lhe compensassem a perda do fôlego.

Segundo Lúcia Miguel-Pereira (1950, p. 669), "*Inocência* é, sem dúvida, o melhor romance de Taunay, muito superior aos demais; o que lhe marca um lugar na nossa literatura".

Os estudiosos citados apenas comentam a superioridade do romance *Inocência* em relação aos demais romances de Taunay. Todavia, além dos romances reconhecidamente aceitos, há ainda uma parcela de sua obra que é deixada de lado provavelmente por pertencer a gêneros considerados como menores dentro do universo da Literatura e suas possíveis classificações. A obra *Memórias*, de Taunay, ao lado de *Diário do Exército* (1869), *Scenas de Viagem* (1868) e *Irecê a Guaná* (1874) parecem promover um circuito confessional que mereceria atenção especial por parte da crítica.

É nessa perspectiva que o estudo dessas produções literárias oitocentistas, e mais especificamente o de *Memórias*, merece vir à tona, posto que a falta de informação sobre estas obras parece estar vinculada ao pouco valor atribuído, no passado, a textos escritos a partir de uma pulsão autobiográfica declarada. Posição que a atualidade vem combatendo ao questionar as fronteiras entre arte e ciência, entre prosa e poesia, entre literatura e história e, por conseguinte, entre memórias ditas genuínas e memórias ficcionais.

Além disso, o trabalho se torna pertinente porque o nome de Visconde de Taunay (1843-1899) não é isento de significado para o estado de Mato Grosso do Sul. De fato, quando pensamos nos escritores da literatura sul-mato-grossense não se pode excluir o nome de Taunay¹, que descreveu com apuro literário tanto os aspectos naturais quanto os tipos e os costumes do antigo Mato Grosso que conheceu durante suas expedições militares. Representação considerada como esteticamente verdadeira do sertão e da vida sertaneja no Brasil central.

¹ Apesar de não ser sul-mato-grossense de nascimento, sua obra apresenta uma parcela do futuro Mato Grosso do Sul para o restante do país.

Dentre as obras produzidas por Taunay estão as suas *Memórias*, um texto de 590 páginas, que costuma ser citado como ponto de partida da produção de memórias no Brasil, ao lado da obra *Minha formação* (1900), de Joaquim Nabuco.

Mais citada do que lida, a lacuna crítica sobre *as Memórias* de Taunay foi gerada tanto pela distância entre sua escrita e sua publicação (apesar de ter sido escrita em 1890, as *Memórias*, por determinação de seu autor, foi entregue ao IPHeG - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com a condição de que só fosse publicada no centenário de seu nascimento. A primeira edição data de 1946.) quanto pelo seu teor confessional: ao vácuo causado pela ausência de reflexões produzidas no momento da escritura, acrescentamos também, o descaso que as academias dispensaram, por muito tempo, às obras escritas a partir de uma motivação autobiográfica, conforme mencionamos.

Este trabalho pretende discorrer sobre aspectos críticos de *Memórias*, dividir-se-á em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “As *Memórias*, de Visconde de Taunay: ponto de partida”, pretendemos descrever a obra, desde o número de páginas, de capítulos, até cada parte que a compõe. Buscaremos apresentar também informações sobre o estilo e a forma narrativa utilizada. Ou seja, de uma maneira geral, apresentar a obra, para que, posteriormente, tenhamos subsídios para ingressar mais especificamente numa leitura crítica.

O segundo capítulo, “O Circuito Confessional das Obras de Taunay”, abordará a relação de *Memórias* com outras obras do escritor que parecem fazer parte de um possível circuito que, partindo da experiência vivencial ímpar de Taunay, parece escrito segundo uma ótica de desvelamento ou confissão. Procuraremos, assim, estabelecer as semelhanças e as diferenças entre estas obras que fazem parte do recorte proposto.

O terceiro capítulo, denominado “A Forma Narrativa das *Memórias*”, abará a teoria deste gênero narrativo confessional, assim como a historiografia do termo e, como aparato teórico, duas acepções ocidentais sobre o problema: um conceito de memória plantado historicamente no positivismo e um conceito que reflete mais a crise da ciência e o descontínuo da visão contemporânea. Para tanto, utilizaremos os conceitos apresentados por T. Todorov e P. Lejeune, acrescidos das visões de J. Le Goff e Anna Caballé.

O quarto capítulo, intitulado “O lugar e o valor de *Memórias*: reflexões” discorrerá sobre o valor e o lugar desta obra dentre as outras obras confessionais do autor e na historiografia literária brasileira, ou seja, pretende-se discutir sobre qual o espaço para *Memórias* no estudo temporal da nossa literatura.

Vale ressaltar que as citações da obra base serão retiradas da nova edição (2005) e seguidas apenas pela informação do número da página e as traduções em pé de página foram empreendidas por nós.

1 AS MEMÓRIAS, DE VISCONDE DE TAUNAY: PONTO DE PARTIDA

"TANTAS e tão várias, por forma atropeladas, mas sempre bem claras, são as reminiscências daquela época."

Visconde de Taunay

O objetivo deste capítulo é apresentar a obra *Memórias*, de Visconde de Taunay, delineando, primeiramente, a exposição da obra de forma geral, para, posteriormente, explorar as partes que a compõem, além de mencionar algumas marcas de estilo e de confissão encontradas na sua escrita.

Memórias foi reeditada em 2005, pela editora Iluminuras, com 590 páginas, divididas em nove partes: agradecimentos, prefácio da edição, “À guisa de intróito” (parte específica das *Memórias*), “Primeira parte (1843 - 1858)”, “Segunda parte (1858-1865)”, “Terceira parte (1865 - 1869)”, “Quarta parte (1869 - 1870)” e a “Quinta parte (notas esparsas)”. A obra também apresenta um “Glossário” e uma “Cronologia da vida e da obra”.

Além dessa divisão inicial, cada parte é subdividida em números romanos, dando-nos a idéia de um diário, texto fragmentado em que cada número relata diferentes cenas, contudo, a distância temporal entre o enunciado e o momento da enunciação encaminha o texto para um conceito clássico de memórias.

Segundo Sérgio Medeiros, “esta edição das *Memórias* do Visconde de Taunay reproduz o texto da edição princeps, de 1948, publicada 50 anos após a morte do autor, conforme sua vontade” (MEDEIROS, 2005, p. 09). Taunay declarara que estas *Memórias* só poderiam ser entregues à publicidade depois de completos cem anos de seu nascimento, ou cinquenta anos após sua morte, pois nessa circunstância ele estaria em lugar seguro.

Em aproximadamente 1890, Taunay inicia os escritos de suas reminiscências, que culmina com a elaboração de *Memórias*. A obra, no entanto, não foi concluída conforme seu autor desejava, pois, por motivo de saúde, o escritor não conseguiu forças para continuá-la. Taunay “Não pôde escrever nela toda a história de sua vida, conforme planejara, pois faltou-lhe tempo, disposição de corpo e espírito, a lutar com bem penosas nevralgias de fundo diabético” (MEDEIROS, 2005, p. 18).

Embora esta obra retrate inúmeros episódios relacionados aos preparativos, ao desenrolar e às conseqüências da Guerra do Paraguai, Taunay narra-os de maneira humorada,

havendo, assim, certa jovialidade em seu discurso, tanto que há, em certas laudas, confissões de seus defeitos, suas fraquezas, angústias, mas também momentos de saudade, alegria e até aqueles em que ele expressa admiração por seus próprios atos, numa explícita autopromoção.

Os acontecimentos que compõem a história, talvez pela distância que esses fatos já tenham do acontecido, são narrados de uma perspectiva isenta da dramaticidade do presente. A impressão que fica no leitor é que, ao escrevê-lo, só resta a saudade do passado e mesmo que Taunay pretenda questionar ou denunciar os acontecimentos da época, não provoca tensão, somente apresenta um quadro do qual ele já não mais participa.

Em *Memórias*, não se percebe uma predominância dos fatos da guerra ou os políticos, ou até mesmo da infância, mas compreendemos que a vida de Taunay, indiretamente, estava ligada a um fio condutor denominado política. Embora o período que Taunay tenha participado efetivamente da política tenha sido curto, compreendemos que na sua existência a política foi inerente, seja no papel exercido por seus familiares na sociedade, seja em sua formação, em seus estudos, ou no papel que exercera na empreitada da guerra e no exército.

Taunay parece ter sido um narrador, tal como ocorre com inúmeros historiadores, “prolixo e eloqüente dos acontecimentos” (GAY, 1990, p. 36). De fato, ele parece elaborar uma “talhada à perfeição para a verdadeira historiografia” (GAY, 1990, p. 41), compondo uma obra em linguagem erudita, mas com suave tom poético, procurando constantemente exaltar a nação brasileira nas belíssimas descrições como também nos êxitos em que as forças brasileiras desempenharam nas lutas territoriais contra o inimigo Solano Lopez. “Viajava de lápis na mão, registrando as cenas de viagem em desenhos de “ingênuo paisagista” como se qualifica. Desenhos de traço elementar, com efeito, mas atentos à realidade e transpondo-a com amenizada placidez”. (CANDIDO, 1997, p. 275)

Segundo Sérgio Medeiros, “Nunca o seduziu a guerra em si, mas a perspectiva de realizar uma longa viagem e conhecer o interior do país”, (MEDEIROS, 2005, p. 13) como conta nas memórias, talvez tenham sido as paisagens exóticas que atuaram “como estímulo a compor um quadro” (GAY, 1990, p. 55), no qual a *Memórias* está inclusa, pois Taunay era mais do que pintor ou narrador, mas um artista de formação sólida. Para Antonio Candido (1997, p. 275), “predominava nele, todavia, a sensibilidade musical. Compôs com facilidade e elegância, escreveu com acerto sobre assuntos de música; e mesmo nas descrições do sertão percebemos que também o ouvido elaborava as impressões da paisagem”.

O estilo de Taunay estaria ligado à sua própria formação, pois “desde a infância, estava acostumando a essa dicção correta, clara, a dar importância a todos os sinais da

pontuação e a fazer valer qualquer vírgula e a menor frase incidente”. (TAUNAY, 2005, p. 83).

A motivação de Taunay de escrever *Memórias* teria vindo das paisagens que lhe fora permitido vislumbrar durante a guerra, ou seriam as suas várias leituras ao longo de sua vida que o habilitariam a adquirir este estilo corrente e correto?

Como sempre fui amigo dos livros, ainda me recordo da atração, mesclada de respeito, que me inspirava comprida estante bem apercebida de obras de agricultura e principalmente de romances encadernados com certo luxo. Antes de os ler quase todos, o que depois aconteceu, passava muito tempo a lhes estudar os títulos.(TAUNAY, 2005, p. 30)

Leituras essas em que o escritor menciona os títulos dentro de *Memórias*, como: “duas novelas, *La recherche de l'inconnue e Angélica Kauffman*” (p. 30), *Bourgeois gentilhomme, Mr. De Pourceaugnac e Lês fourberies de Scapin* (p. 41) “*Mil e uma noites?! E o Robinson Crusóé*” (p. 69), *Crime e Castigo*, de Dostoievski e *Dom Quixote*, de Miguel Cervantes de Saavedra” (p. 461)

Durante toda a campanha muito li e reli o meu *Dom Quixote*, sentindo cada vez mais aumentada a admiração que, desde menino, consagro àquele livro, incontestavelmente uma das obra-primas do engenho humano. Abençoado Miguel Cervantes de Saavedra!, quantos momentos de despreocupação me deste, assim como os tens dado a milhares, senão milhões de entes neste mundo! E que mais querer do que trechos de distração no contínuo assalto de desgostos e tristezas desta vida?! Dizem, e o li não sei onde, que *Dom Quixote* é o livro que tem maior número de edições e traduções, vertido em quase todas as línguas e até dialetos do globo. Não duvido; bem o merece! (p. 461)

A escrita das obras de Taunay ora se faz pelo dever de relatar tudo quanto acontecesse na guerra, como em *Diário do Exército e Scenas de Viagem*, ora por promover a sua própria imagem, “O meu objetivo era a glória, glória em todos os sentidos, militar, literária!... Pensava, então poder subir muito alto, tornando-me conhecido em todo o Brasil, [...]” (p. 417), ora por incentivo de seu pai.

[...] Não era, contudo, falta do meu pai causticar-me deveras: “Perdes. Alfredo, maravilhoso ensejo para que te cubras de glória”. [...] Ou então, apelando para outra ordem de idéias igualmente elevadas e sugestivas: “Foges ao dever, meu filho, e ao que debes aos teus camaradas mortos ou de quem jamais falará alguém!” (p. 401)

Quanto ao estilo, ou seja, a “tudo aquilo que individualiza obra criada pelo homem, como resultado de um esforço mental” (GARCIA, 1974, p. 85), o que há na obra de Taunay? Seria o escritor que se adaptou ao conteúdo ou seria o conteúdo a se render ao estilo? Muito provavelmente, o conteúdo descrito é narrado por meio do seu estilo, que soube reproduzir o seu encantamento diante das circunstâncias, já que o seu desejo era de conhecer o interior.

Taunay descreveu sua vivência de forma que os leitores pudessem também conhecer as maravilhas que ele encontrara. Nesta perspectiva, podemos compreender que “A relação entre o estilo e a verdade foi obscurecida pelo flagrantíssimo fato de que uma obra não é uma cópia do mundo real. É um relato muitas vezes com mérito estético” (GAY, 1990, p. 195), pois “os fatos nunca são neutros, vêm impregnados por juízos de valor” (GAY, 1990, p. 176), ou seja, cada escritor vê os fatos pelo seu próprio ângulo de visão, construído ao longo de sua formação.

Entre toda essa visita ao passado, percebemos que o período escolar deixou marcas e alguns ressentimentos em suas reminiscências:

Íamos novamente passar umas semanas na Jurujuba e daquela estada me ficaram ainda indeléveis e suaves recordações, que plenamente confirmaram quantas ali colheremos, todos nós, em anos anteriores.

Com que alegre alvoroço d’alma, com que júbilo tornei a ver a casa, já muito deteriorada pelas intempéries, hoje toda caída, de todo desaparecida até! Com que ânsia percorri os menores lugares, vendo reproduzidos os mesmos sentimentos de outrora, substituída a saudade de todos eles pela doce quietude da renovada posse!

Bem vivas e presentes a reminiscências daquela época, embora me anuviasse a mente, isto mesmo de longe em longe, não só a idéia do meu desastre colegial, como o desgosto de recomençar os mesmos estudos, em que fora tão infeliz! (TAUNAY, 2005, p. 66)

O livro aborda de maneira minuciosa os momentos de sua infância, adolescência, de sua família, de seus amigos e a experiência que teve na guerra:

Assim, esta série de circunstâncias o habilitaria a reunir uma notável cópia de observações sobre os homens e coisas, proporcionando-lhe o ensejo de poder traçar o mais largo depoimento sobre um quarto do século de vida nacional, no que ela podia oferecer de mais representativo. (MEDEIROS, 2005, p. 22)

A organização da obra isola as molduras da narrativa em cinco partes específicas da vida do autor. Na primeira parte, o autor aborda a sua infância e a adolescência, contando

ao leitor sobre a sua família, seus colegas, seus estudos; com ênfase na sua formação cultural, o convívio com a família imperial que foi de grande influência na sua formação. Ressalta também a importância decisiva de seus pais em sua formação política. Enfim, conta de uma maneira concisa tudo aquilo que compõe o período de 1843 a 1858.

Já a segunda, a terceira e a quarta partes são compostas de relatos de 1858 a 1870, período que representativo de sua carreira militar, a sua participação na Guerra do Paraguai e a sua volta para o Rio de Janeiro. Ao longo desses três capítulos, o escritor procura descrever todos os sofrimentos, tanto o percurso de 2.000 quilômetros, quanto a sua experiência no período de Guerra. Isto é, ele apresenta minuciosamente os momentos de batalhas e as angústias proporcionadas por esses períodos.

Nestas páginas há também uma grande colaboração na definição do cenário brasileiro daquele período, isto ocorre por meio da escrita visual que ele nos concede, por meio da descrição da flora e da fauna, nos limites do atual Mato Grosso do Sul.

Que saudades agora, neste momento, sinto, ao lembrar-me daquele estupendo cenário, do cantar incipiente de mil pássaros, do ruído longínquo do Aquidauana, encachoeirado naquele trecho, e do colorido púrpureo e áureo do céu que víamos subir, leve e adalgadamente, novelos de fumaça, a mais e mais densa. (p. 265)

Com as inúmeras descrições feitas ao longo de toda a obra, é permitida ao leitor uma importantíssima recepção visual do período, o que enriquece o texto enquanto documento para o país, pois os elementos sociais e culturais mencionados auxiliam na sua compreensão e da relevância do papel de Taunay em sua redação memorialística. Mas mesmo assim, Taunay ainda diz:

[...] Recapitulando a minha vida, olhando para o passado, acho que deixei escapar bem boas ocasiões de aparecer, de me distinguir, de prestar bons serviços a mim e ao meu país. (p. 218)

E, na quinta parte, Taunay descreve sua carreira política, pois ele já havia pedido demissão do serviço do Exército e se dedicara de maneira brilhante ao ambiente político no Sul. Posteriormente, afasta-se e dá como encerrada a sua carreira política (em virtude, como já mencionamos, do fim da Monarquia a qual ele tanto estivera atrelado), passando a se dedicar aos projetos literários e à redação da obra em questão.

Quanto à redação de *Memórias*, Taunay procura, por toda a extensão do texto, reforçar o teor memorialista por meio de recursos lingüísticos específicos, como o uso de alguns vocábulos ou expressões: *reminiscência*, *recordações*, *lembranças*, *rememoração*, *memória*, *revejo*, *nunca esqueci*.

TANTAS e tão várias, por tal forma atropeladas, mas sempre bem claras, são as reminiscências daquela época, assinalada por um sem número de diabruras, algumas de grave alcance até que não sei como comece, admirado ainda hoje do que fazíamos, aproveitando período de radical e curiosa desorganização disciplinar. (p. 51)²

Esse recurso é utilizado pelo escritor por todas as partes que compõem a obra, são inúmeras referências ao ato de recordar, na sua materialidade lingüística. Vejamos mais algumas ocorrências: “uma das mais afastadas e prestigiosas recordações da primeira meninice” (p. 30); “tenho reminiscências muito longínquas e apagadas” (p. 30); “ainda me recordo da atração” (p. 30); “Lembro-me bem da impressão que me causou” (p. 30); “No fim – se não me engano - tive grave moléstia” (p. 34); “Ainda me revejo hoje” (p. 86); “pois elas destroem uma das minhas mais saudosas recordações” (p. 87); “conciliar toda essa série de gratas reminiscências” (p. 89); “rebeldia da lembrança” (p.135); “aos meus olhos muito me lembrava a subida da Tijuca” (p. 147); “e a saudosa rememoração” (p. 147); “não me recordo mais que novela” (p. 150); “extasiando-se da minha execução e da memória com que retinha muitos trechos de óperas” (p. 161); “Acudiu-me mistificadora lembrança” (p. 168); “Mil pensamentos de ordens mui diversas tumultuaram-me na mente, sem exceção da lembrança pungente” (p. 184).³

Com essas expressões e vocábulos retirados do texto, percebemos que a primeira e a terceira partes são as que possuem a maior incidência destas formas. A terceira porque é a mais extensa, e por isso, por equivalência, tem um número maior destes registros e a primeira, por narrar episódios mais distantes temporalmente.

Assim, a primeira parte é o registro de um passado longínquo, a infância, a adolescência, por isso o constante uso de termos que retomam noções de nostalgia, reminiscência. A quinta parte trata-se dos relatos de sua carreira política. Nesta perspectiva, podemos considerar que esse passado está mais próximo do momento da enunciação, portanto há uma menor incidência dos intensificadores lexicais de memória na narração.

² A caixa alta no início da citação é recurso do autor.

³ Mais exemplos em anexo.

É com o uso desses vocábulos que Taunay tece suas recordações, reafirmando cada vez mais a sua obra dentro do gênero proposto. Sobre o gênero, o escritor também tece suas considerações:

[...] embora o valor de memórias, escritas na absoluta sinceridade de recordações, esteja exatamente na lealdade com que são redigidas e na confissão minuciosa de todos os fatos que compõem uma existência, de todas as observações e pensamentos que os sucessos provocaram. (p. 46)

Mas por mais minuciosas que sejam as confissões, a memória como “seleção” sempre virá à tona. A construção de um texto de memórias é fruto do momento atual. É o presente que impulsiona o retorno ao passado, como podemos verificar nesse trecho:

Era, aliás, também esta a opinião do meu bom e inseparável amigo José Antonio de Azevedo Castro, de quem, há tanto tempo não me ocupo. Isto me leva a interromper o que ia dizendo e voltar atrás subindo de encontro à correnteza dos acontecimentos já contados. Toda a nossa vida é tão complexa, tão cheia de minúcias e incidentes, que se torna impossível narrá-la com o seguimento que tiveram os fatos. Terei, assim não poucas vezes, de retroceder sobre os meus passos e, abrindo longos parênteses, referir-me a fatos atrasados e que, por singular fenômeno mnemônico, de súbito, quando menos se espera, se apresentam à memória ao tratamento de assuntos totalmente diversos e muito posteriores. (p. 135-6)

Mesmo concebendo a interferência do presente na construção das suas memórias, o escritor parece querer dominar esta impossibilidade de narrar a própria vida “com o seguimento que tiveram os fatos” e transformar a impossibilidade em método: “Terei, assim não poucas vezes, de retroceder sobre os meus passos”. Percebemos “a fidelidade ao passado, não sendo um fim em si” (GAGNEBIN, 2001, p. 91), mas como o objetivo de transformar o presente. Talvez esta convicção em seguir um método preciso seja a marca estrutural da escrita de Taunay, o que será discutido mais adiante. Voltando às divisões da obra, vale ressaltar que a quarta parte é composta por quatro anexos, tal motivo está justificado em uma nota de rodapé:

Aqui finda o manuscrito coordenado das *Memórias do Visconde de Taunay*. As páginas que seguem, relativas ao término da Guerra do Paraguai e regresso do A. ao Rio de Janeiro, são reprodução de notas avulsas destinadas a serem desenvolvidas pelo memorialista para a continuação do seu Texto. (Affonso de E. Taunay, filho do escritor) (p. 506)

Devido ao seu agravamento de saúde, o escritor não teve tempo de adaptar seus textos à sua escrita memorialística, e, por isso, tal anexação foi a saída para incluí-los na obra. Nesses anexos, não há ocorrência das marcas lingüísticas como vimos anteriormente, talvez por não ter sido escrito com o objetivo de fazer parte do fio condutor de sua narrativa memorialística. Taunay escreveu estas partes como descrição de tal período, forma de escrita típica de seus outros textos: *Diário de Exército* e *Scenas de Viagem*.

Como já foi mencionado anteriormente, as partes que compõem a obra não são intituladas, porém há algumas partes em que há, além do número romano, alguns “títulos”: “Campanha de um burro” (p. 170); “Ao entrar para o parlamento” (p. 523); “Disputando Eleições” (p. 533); “A minha escolha Senatorial” (p. 553). Estes três últimos títulos compõem a quinta parte (notas esparsas), além do número romano, tem-se o título e depois as partes marcadas também com número romano.

Quanto aos capítulos, são textos breves que se iniciam com a primeira palavra ou as primeiras palavras em letras maiúsculas: NASCI NA cidade do Rio de Janeiro [...]; QUASE nada me recordo [...]; VOLTEMOS, porém [...]; O FINAL do ano [...]; FALAVA eu, [...]; EM MEADOS de janeiro [...]. Estas palavras em tom capitular já inserem o leitor nas grandes narrativas do passado em que eram usados estes recursos talvez para chamar a atenção para o texto.

Ao contrário do que a narração solene de Taunay propõe com a sua forma detalhada e escrita minuciosa, aparecem certos trechos nos quais o escritor declara não se lembrar, ou lembrar-se bem pouco do que segue narrando. É o que se pode verificar nas seguintes expressões: “tenho reminiscências muito longínquas e apagadas” (p. 30); “Quase nada me recordo da vasta e mortífera epidemia da febre amarela, em 1850” (p. 33); “No fim – se não me engano - tive grave moléstia”; “Não me lembro de fato algum saliente”, “Não me lembro de que modo nos transportamos” (p. 70); “Não me lembra mais quem era o seu comandante” (p. 128); “Agora não me lembra, talvez para diante me recorde” (p. 257); “não me lembro que Universidade” (p. 282); “Não me recordo exatamente em que ponto” (p. 370); “não me lembra em que parte” (p. 398); “não tinha senão lembrança vaga e mal-esboçada” (p. 402); “Não me recordo absolutamente” (p. 403); “cujo nome não me acode” (p. 439); “Não me lembro bem de que ponto” (p. 486); “Deu-se tal esquecimento, se com efeito assim foi e como timbrei em não me fazer lembrado” (p. 496); “não me recordo agora” (p. 525).

Ao não lembrar, ou lembrar parcialmente, Taunay não propõe uma narrativa pelo viés da dúvida, ele afirma narrar somente aquilo que acredita ter certeza, pois o que não lembra, declara que tal falha ocorre na reminiscência. Com isso, a sua narrativa nos dá a

impressão de ser um relato somente dos fatos certos, deixando de lado a imposição de cenas duvidosas, Taunay constrói seu texto de memórias segundo um método preciso. Mesmo com essas ocorrências de “falha” no desenrolar de sua recordação, Taunay se posiciona como aquele escritor que narra verdadeiramente o fato como se procedeu. Assim, firma ainda mais a suposta idéia de narrativa genuína. Tal classificação será discutida no terceiro capítulo deste trabalho.

Ao pensarmos no método e no estilo solene da narração de Taunay, é válido questionarmos se o seu posicionamento em manter uma obra detalhada, genuína, o mantém preso a uma escrita “oitocentista”, datada. Para tentarmos resolver este impasse é válido recorrermos a um fato que se encontra nas páginas iniciais de *Memórias* e que diz respeito a uma história que um escravo da família lhe contara e que o escritor reproduz:

[...] uma feita, no Rio de Janeiro saíra (Diogo) num domingo todo taful, de branco, calças bem engomadas, rodaque ou niza, chapéu de palha novo trançado por negros minas, descalço bem-entendido.

La muito ufano, quando viu, na mesma calçada, D. Pedro I, que vinha em sentido contrário, acompanhado de grande e vistosa comitiva. A calçada era muito elevada e a rua fundo lamaçal. O preto equilibrou-se na aresta do fio das pedras para dar o maior espaço possível, mas o Imperador, parando, fê-lo pular para fora, gratificando-o talvez com umas chicotadinhas de rebenque. “Já para o meio da rua e de joelhos!”, ordenou.

Imagine-se como todos riam, enquanto o pobre Diogo se enterrava meio corpo no lodo, para dar exato cumprimento às ordens imperiais. (p. 31)

Tais dizeres são mencionados após um parágrafo em que o narrador comenta a extensão das recordações guardadas do período da escravidão:

[...] Ah! Essas recordações da escravidão! Como hoje me parecem singulares todos os episódios (e quantos!) da meninice em que a cada momento aparecem os infelizes cativos, infelizes e degradados por mais bem tratados que fossem! [...] (p. 31)

A menção a tal fato serve para compreendermos, em parte, de qual Taunay falamos, visto que não há dúvida que todo discurso é ideologia. Para narrar a história que lhe fora contada, o tom de chiste, que causaria engulhos a um indivíduo de hoje, é um recurso do escritor. Vejamos que o mesmo acrescenta suposições à cena para torná-la mais atraente: “gratificando-o talvez com umas chicotadinhas de rebenque”. Mesmo o uso do diminutivo serve para amenizar a cena, tirando dela o horror da situação.

Não se trata, é verdade, de algo que tenha acontecido por vontade do escritor, mas de algo narrado por um monarquista de seu tempo, o qual usufruiu juntamente como grande parte da população de seu tempo, das agruras da escravidão. A mesma escravidão que, ao tornar-se matéria de memória para si, Taunay faz questão de acrescentar: “infelizes e degradados *por mais bem tratados que fossem!*” (grifo nosso).

Portanto, a obra *Memórias* é uma descrição de uma época que, por sua extensão e valor histórico, merece ser revisitada. Mas não é só. Se asseveramos que Visconde de Taunay é um homem de seu tempo, cabe também afirmar que se trata de um escritor à frente de seu tempo. Alguém que não perdeu oportunidade nem talento para ocupar um lugar vago na historiografia literária, alguém que, partindo de uma formação cultural bastante solidificada, conseguiu ver pela lente da cultura, mais que apenas as marchas forçadas na longa jornada até o Paraguai.

Ao longo das páginas de *Memórias* nos são reveladas várias facetas de uma existência nacional, filtrada pelas recordações de seu autor, Visconde de Taunay, figura de relevo nacional. Recordações fortemente marcadas pela amizade com a família Real, a intimidade com velhos amigos, tanto de seu pai, quanto com os de seus avós, suas brincadeiras com as crianças do reinado, a influência decisiva de seu avô para ingressar na carreira militar.

Essas questões pessoais, mescladas a uma faceta da existência nacional, não são, no entanto, perceptíveis apenas em *Memórias*, mas também nas outras obras de cunho confessionais do autor.

2 O CIRCUITO CONFSSIONAL DAS OBRAS DE TAUNAY

A imagem do passado, oscilando conforme a temporalização que a orienta, introduz a diversidade na angulação da História.

Benedito Nunes

Este capítulo tem como objetivo relacionar *Memórias* com outras obras do autor que parecem compor um circuito confessional variado, também de variados níveis de ficcionalidade. Para tanto, apresentaremos brevemente as três obras em questão: *Scenas de Viagem*, *Diário do Exército e Irecê a Guaná*, para, em seqüência, relacioná-las à obra base.

2.1 Sobre *Scenas de Viagem*

Scenas de Viagem foi o primeiro livro de Taunay, publicado posteriormente ao seu retorno de Mato Grosso para o Rio de Janeiro. Quando publicado, teve grande aceitação, chegando a ficar por alguns anos esgotado. A primeira edição é de 1868, no Rio de Janeiro, e contém 189 páginas publicadas pela Typographia Americana.

O volume de *Scenas de Viagem* a que tivemos acesso é composto por 210 páginas e pertence à segunda edição ilustrada de 1923, da Livraria Globo Irmãos Marrano-Editores. O livro se desenvolve em doze capítulos, acrescidos de um “Vocabulário da Língua Guaná ou Chané”, “Notas”, “Appendice” e alguns desenhos produzidos pelo próprio autor.

Trata-se de um texto curto de cunho descritivo, isto é, de uma obra na qual predomina a observação da natureza. Para Affonso de Escragnolle Taunay, filho do autor, as *Scenas de Viagem* “repassadas de fundo brasileiro constituem uma das melhores obras de observação da nossa natureza devido á penna fecunda do autor de Innocencia.” (TAUNAY, 1923, p. 06)

Taunay procurou descrever, tecer apontamentos sobre a viagem àquela região, bem como focalizar principalmente a natureza, portanto, tratam-se de

[...] notas minuciosas de tudo quanto pudesse interessar e coordenando-as desde logo, de modo que formassem com pouco custo um trabalho simples e despido de prevenções, porém de alguma vantagem para novos e mais habilitados exploradores, fornecendo-lhes apenas uma base para futuros desenvolvimentos (1923, p. 11)

E é nessa perspectiva descritiva que Taunay pretendeu construir uma narrativa de caráter “genuíno”, original, verdadeiro, isto é, em consonância com o que testemunhou:

Procurei tirar à minha narrativa o caracter official. Em muitas occasiões não pude livrar-me da tecnologia scientifica, usei de’lla, com parcimônia, e, organisando um trabalho singelo, envidei esforços para que fosse consciencioso e, sobretudo verídico. (1923, p. 11)

Taunay afirma o caráter genuíno, verídico de sua obra, talvez para nos causar a impressão de que relatou tudo conforme o acontecido, afirmando o seu compromisso, com responsabilidade e dedicação, tanto que durante a leitura da obra essa idéia é reforçada por descrições detalhadas. Segundo Afrânio Coutinho (1969, p. 270), “Taunay quase sempre se perde nas descrições da natureza ou nas anotações de costumes, talvez pela excessiva preocupação de fidelidade”.

Quanto à narração, essa se faz na primeira pessoa do plural. O uso do plural de modéstia, não deixando vestígio de narrativa particular, de um eu, do qual se expresse o sentimento próprio, é uma das marcas da enunciação desta obra. Trata-se, *a priori*, de um trabalho informativo.

Não há sumário no texto, os capítulos não são intitulados, exceto o último (XII), intitulado “Os índios do Districto de Miranda” e em cada folha na parte superior da margem, há algumas expressões escritas em letras maiúsculas, indicando o assunto a ser narrado, o que permite ao leitor uma noção geral do assunto abordado naquela página.

As expressões encontradas em cada folha são: Capítulo I (p. 13-27): Partida do Coxim; Passagem do Taquaru; Os nossos camaradas; Boritys; Insultos paraguayos; Rumo ao pantanal; Travessia do Verde; Capítulo II (p. 30-40): O portão de Roma; Abundancia de Fructos Sylvestres; Pouso Nocturno; A Matta das Jaós; Chegada ao Potreiro; Capitulo III (p. 41-55): Passagem em pelotas; Impaludismos; A serra de Maracajú; Prosegue a nossa marcha; Barreiros; Horrores da fome; Abores de Esperança; Capítulo IV (p. 57-66): Pantanaes de Miranda; Flora dos Pantanaes; Travessia do Pantanal; Os barreiros; Capítulo V (p. 67-73): Latifúndios Matto Grossenses; A peste de Cadeiras; Capítulo VI (p. 75-84): O Rio Tabôo; Passagem do Tabôo; Aldeia de Piranhinha; O capitão José Pedro; Capítulo VII (p. 85-90):

Termino da Viagem; Entre os Refugiados; Capítulo VIII (p. 91-98): Grandioso Panorama; Descida da Serra; Aldeia da Boa Vista; Capítulo IX (p. 99-100): Esplendorosa Paizagem; Fauna do Aquidauana; Peixes de Matto Grosso; Sucurys colossaos; Cheias do Aquidauana; Capítulo X (p.111-119): Viagem de Exploração; Escaramuças com os paraguayos; Prossegue nossa Exploração; Volta ao acapamento; Capítulo XI (p. 121-124): Scenas de Viagem; Capítulo XII (p. 125-147) Lainas e quinquinaos; Guaycurús; Guaxis e Cainás; Fetischismo; Costumes Índios; Idiomas Indígenas.

Numa escrita detalhada em todas as cenas, parece ao leitor que as informações sobre o cenário, por tão detalhadas, estão sendo descritas diante da paisagem, mas o momento da enunciação em algumas passagens indica ou um trabalho posterior de revisão ou o distanciamento do escritor dos fatos narrados:

Ahi nasciam também as incertezas, nova a indecisão, sem guia, íamos correr risco de uma exploração que nos parecia, como realmente o foi, penosíssima, cheia de perigos e sobretudo infructífera. (1923, p. 40)

A expressão utilizada “que nos parecia, como realmente o foi” esclarece que, no momento da escrita, o autor já tivesse consciência dos fatos em toda sua extensão, não só do momento narrado como também de seus desdobramentos posteriores. Tal idéia pode ser reforçada com estas palavras: “Carmesim ligeiramente roxeado que vimos depois com admiração nos pantanaes, como adiante diremos” (1923, p. 38). Portanto, podemos perceber que, ao descrever as cenas da viagem que realizou, ao lado da descrição propriamente dita, surge um entorno narrativo provavelmente posterior que parece servir para sustentar o conjunto das impressões descritas.

Se a obra *Scenas de Viagem* se constitui na sua essência, pelas fortes descrições do ambiente durante a viagem empreendida (desde as apresentações das árvores, frutos, admiração e o reconhecimento das diversas espécies de plantas que ali se encontravam), há também a narração dos obstáculos que as tropas enfrentavam, o furioso furacão, os relâmpagos que clareavam tudo, as águas das chuvas que alagavam e só deixavam a vista o topo de alguns morros, a dificuldade dos animais cargueiros de transitarem, o que tornava cada vez mais uma expedição com muito martírio e dificuldade e que cada chuva reforçava ainda mais a “lembrança de que estávamos na estação das águas” (1923, p. 27).

Entre a descrição e a narração, parece que a descrição ganha terreno, mesmo quando os episódios, por si só, já possuem a força de uma tragédia, como a falta de sal para os animais e a falta de alimento para o grupo expedicionário:

Tudo nos corria ao contrario: nenhum fructo, água péssima e sempre quente: os nossos animaes afracando, outros fugidos, nós completamente perdidos e arcando, desde muitos dias, não com essa falta de alimentação que havíamos anteriormente sentido no Coxim, mas como a verdadeira *fome*, descarnada e horrorosa. (1923, p. 53)

Além de todo o sofrimento, descritivamente apresentado, são contados, durante a narração, os lugares por onde a expedição passou. O narrador, em alguns momentos, também explica ao leitor o nome, a origem daquilo com que se deparavam como: matas, animais, plantas e distritos. É o que podemos perceber no trecho abaixo, no qual o narrador explica a origem do nome da Mata Jaós e descreve os animais que lá viviam:

Do córrego do Perdigão, levou-nos a trilha, depois de 41 minutos de marcha, á mata que intitulamos de *Jaós*, pelos incessantes pios que denunciavam ahi a presença d´aquelas aves. É um gallinaceo, do tamanho de um frango, sem cauda, de cor pardacenta, clara: anda commumente em terra, dando, como a perdiz um vôo horisontal e pouco prolongado; a carne é alva e muito delicada.

O seu pio começa por um nota destacada e alta, a que succedem, com intervallo de dous a três segundos, três outras rápidas e mais baixas (1923, p. 36-7)

Como também alguns comentários são tecidos quanto à abundância de guabirobas:

No Lageadinho a abundancia de guabirobas forneceu-nos excellentes fructosinhos. Entre todas faremos especial menção da *guavyra*, cujo fructo assucarado tem sabor mais agradável e menos adstringente que o araquá de coroa e é, sobretudo muito maior em dimensão.

É um arbusto baixo, de folhas largas, tronco pardacento claro.

Diversas espécies de guabirobas ahi se viam umas do tamanho de plantas fruticulosas, outras frutescentes; umas com fructos miudinhos amarellados, outras com bagas maiores, d´aquela cor, ou ainda, esverdeadas. (1923, p. 33)

No último capítulo, são apontados alguns comentários quanto aos índios do distrito de Miranda:

Em dous importantes grupos se divide a raça índia, habitante de Miranda: os *guaycurús* e os *chanés*. Os primeiros compreendem três tribus: a *guaycurú*, propriamente dita, que vai desaparecendo pelo contacto immediato com a gente branca, os *cadiués* que, pelo contrario, conservam-se no estado quase selvatico, em terrenos próximos aos rios Paraguay e Nabilek, ainda não bem explorados, e os *beaquiéos* que habitam com os cadiués.

Os *chanés* subdividem-se em quatro ramificações: os *terenas*, que constituem os três quintos da população aborigene, os *laianas*, os *quiniquináos* e os *guanás* ou *chooronós*, de entre todos, os mais dóceis e civilizados. (1923, p. 125-6)

Percebemos, que a finalidade desse livro é realmente tecer apenas apontamentos numa visão geral, priorizando basicamente a descrição das *Scenas de Viagem*. O objetivo central é o de apresentar o ambiente, o trajeto, prevalecendo mais a cena do que o sumário da expedição.

Escrito a partir de uma pulsão autobiográfica, a obra inaugura a percepção descritiva do autor, que irá acompanhá-lo nas obras futuras. Percebemos que tanto a descrição do que conheceu, quanto a narração da guerra, núcleos temáticos de sua obra, já estão na primeira publicação de Taunay e podem, para este recorte intimista ou circuito confessional, ser considerados como uma espécie de “*leitmotiv*”, ou seja, os “motivos centrais que se repetem numa obra ou na totalidade da obra de um poeta ou prosador” (KAYSER *apud* MOISÉS, 2004, p. 258).

A empreitada militar de Taunay, que escolhera com a ajuda dos familiares, a carreira a ser seguida pensando na glória que alcançaria, passa, portanto, a funcionar como impulso para alcançar a glória literária, já que a vida militar propriamente dita não o tocara, senão pela fome, descrença e indignidade. Cheias de significado humano estão as descrições de Taunay. Significados que serão alargados nas obras seguintes, para além de meras fórmulas estereotipadas de expressão.

2.2 Sobre o *Diário do Exército*

Hoje, a forma do diário assumiu uma singular expansão. Segundo Alain Girard (Cf.1996, p. 31), parece que todos têm em reserva, para o presente ou para o futuro, caixas inteiras de papéis que mostram um coração desnudado. De fato, antes de se converter em moda, também Visconde de Taunay redigiu um diário, menos íntimo, no entanto, do que a maioria destes textos.

Para Béatrice Didier (Cf. 1991), o diário, que poderia parecer o refúgio do

indivíduo e o lugar privilegiado do segredo, é de fato, um gênero muito aberto à presença do outro ou do mundo ao redor. Tudo pode converter-se em diário. Desde o momento em que o diário deixa de ser unicamente um discurso introspectivo, passa a servir como receptáculo de vários pólos, praticamente sem limite temático.

O diário produzido por Taunay está vinculado a duas vertentes da escrita diarística ligada à própria mensagem que veicula. Trata-se, ao mesmo tempo, de um diário de guerra e de um diário de viagem. Essas formas de diário são, de um modo geral, narrativas ligadas à origem desta escrita. Quando genuínos, escritos com regularidade durante um período, tendem a assemelhar-se à tradição, escritos sob a marca da diferença de espaço ou de situação.

O *Diário do Exército* é um relato marcado por um deslocamento tanto espacial (as distâncias percorridas na campanha do Paraguai), quanto situacional (de intelectual de formação sólida, amigo da Corte à militar do batalhão de infantaria, passando fome e frio como os demais integrantes da tropa).

O livro *Diário do Exército de 1869 a 1870, de Campo Grande a Aquidabã / A Campanha da Cordilheira* trata-se realmente de um texto escrito segundo os moldes da forma narrativa do diário. Encomendado pelo Conde d'EU, deveria conter o dia-a dia da expedição e servir como registro militar dos fatos.

Publicado em 1958 pela editora Brasileira do Exército, possui 306 página. O índice é dividido em três partes: o Prefácio e a Prefação; “A campanha da Cordilheira” e “De Campo Grande a Aquidabã”, que constitui a última parte do corpo textual. Contém ainda um “Índice de Ilustrações”.

A parte “A campanha da Cordilheira” é composta por Introdução, Abril de 1869, Maio de 1869, Junho de 1869, Julho de 1869, Agosto de 1869, Anexo A – Ordem do dia n° 1, Anexo B – Ordem do dia n° 2, Anexo C – Ordem do dia n° 3. A parte que se intitula “De Campo Grande a Aquidabã” é composta por “Agosto de 1869, Setembro de 1869, Outubro de 1869, Novembro de 1869, Dezembro de 1869, Janeiro de 1870, Fevereiro de 1870, Março de 1870, Abril de 1870, Anexo D – Ordem do dia n° 41, Anexo E – Ordem do dia n° 42, Anexo F - Ordem do dia n° 45 e Anexo G – Ordem do dia n° 47”.

A narração abarca múltiplos episódios, de ordem diversa, mas todos ligados a um cotidiano que não antevê o futuro, marca da escrita em forma de diário:

As últimas 23 reses magras que restavam foram carneadas pela manhã. Tocando ração insignificante a cada praça.

Durante toda a noite choveu copiosamente: o dia quase inteiro foi de aguaceiro e só à tarde é que o tempo começou a levantar.

As necessidades das tropas são bastante sérias. A nutrição insuficiente, seguindo-se sem transição à outra habitualmente substancial, traz imediatas conseqüências mórbidas a que resistem melhor os organismos já depauperados.

Assim, pois, vêem-se soldados, desesperados de fome, mostrarem sinais repentinos de grande sofrimento; outros mais resolutos lançam mão do palmito de jeribá, cuja palha ainda são obrigados a carregar para darem aos animais algum alimento.(p. 203)

Diário do Exército é também uma narrativa retrospectiva, ou seja, lugar do registro do passado, mas de um passado recém-acabado. Há um menor espectro de tempo entre o acontecido e o narrado, pois o texto mantém-se apoiado nas datas e, durante a narração de cada dia, o narrador desconhece o que será matéria para o dia que virá. Daí a diferença deste diário para a obra que o antecede, mesclada de antecipações, ou *flashforwards*.

Os relatos seguem de acordo aos acontecimentos, exceto por alguns dias em que o narrador declara não haver nada a mencionar “Não houve novidade”, “Nada houve de importante”, “Não ocorreu novidade”, “Não houve ocorrência digna de nota”, “Não se deu fato alguma notável”, “Nada de novo se deu”, “Nada de novo”, firmando assim, a idéia de relatar somente o que é válido para o exército deve ser anotado.

O reconhecimento de que realmente os fatos não podem ser narrados assim como acontecem, no entanto, pode ser verificado nas linhas da introdução:

Publicando-se o *Diário do Exército*, não há outro fim mais do que fornecer dados para uma futura história da memorável campanha do Paraguai, dados que nunca chegarão a ser perfeito a ponto de se poder deles depreender a razão dos fatos, surgindo um juízo exato e completo. (p. 09)

Para o escritor Alfredo Taunay, essa obra foi feita às pressas e por isso não se chega à idéia perfeita dos fatos,

(...) neste mirrado trabalho, feito às pressas, impresso do mesmo modo, e puramente oficial, caráter que impossibilita os desenvolvimentos tão necessários à apreciação dos sucessos de uma guerra. (p. 09)

A idéia de obra “genuína” para Taunay, assim como para a maioria de leitores, está ligada à veracidade da narração. Em sua explanação, no entanto, admite que apesar de ser o *Diário do Exército* um texto oficial ou verídico, falta-lhe um trabalho verbal para ser *apreciado*, ou seja, desfrutado esteticamente. Apesar desta aparente falta de revisão, do texto

ter sido construído às pressas, não podemos, hoje, destituir-lhe o caráter de ficcional, posto todo e qualquer tipo de narração não descreve o real, mas o recria, e trará, embutido no que escreve, a subjetividade de quem escreve. Para Afrânio Coutinho (1969, p. 279)

[...] ao proclamar a sua fidelidade ao real porque, em qualquer arte, desde que apareça uma certa tensão criadora, mais importantes que as sugestões da vida (acessíveis a todos) tornam-se a invenção e a deformação, devidas não só às capacidades intelectuais de composição, como às possibilidades afetivas, à memória profunda, ao dinamismo recôndito do inconsciente.

Nessa obra, Taunay se prende à narração dos episódios e, também, à descrição do cenário, porém, com menor intensidade aparece o entorno ou espaço que na obra anteriormente estudada. O diário não deixa de lado a minúcia, que é constante, carregada de informação, detalhamento e prestação de contas, mas num tom mais informativo que literário. Ou seja, mesmo que sejam escritos a partir da mesma experiência vivencial de afastamento do espaço urbano original, os propósitos da narração são diferentes.

O relato dos acontecimentos militares suplanta as descrições do cenário. O uso de uma linguagem poética é muito reduzido, em vista da necessidade de compor um texto encomendado por um superior, que visava, certamente, não a uma aceitação literária, mas a uma repercussão política que o elevasse no cenário político da época. Assim como o diário de Júlio César, escrito no calor dos acontecimentos, foi utilizado, com sucesso pelo seu escritor, em prol de suas futuras candidaturas.

Mesmo assim, a descrição dos relevos e das matas permite aos leitores a visualização do ambiente, como se pode perceber no trecho a seguir:

Na verdade, aí se forma uma espécie de garganta, depois da qual começam campos profundamente dobrados, morrotes mais ou menos chegados até Sapucaí que é um ramal da cordilheira e que pode ser considerado como outeiro divisórios dos novos vales de Paraguai (Lagoa Iporá) e Ibitimi (Tebiquari).

De Piraiu a Paraguai os terrenos são planos: os aspectos, os mesmos que os anteriores; notando-se em alguns pontos da várzea os carandás, cujas palmas flabelada é tão elegante. Do lado ocidental do caminho, continuam a se mostrar pitorescas taperas rodeadas, como sempre, de magníficos e umbrosos laranjais. (p. 119-20)

Ao ler, deparamos também com cenas de tragédias, cenas fortes,

(...) Na verdade os tiros do inimigo eram muito elevados, de modo que a metralha nos passava por cima da cabeça ao mesmo tempo em que a nossa cobria terreno de cadáveres. (p. 139)

Quanto à escrita dos fatos ocorridos em cada dia, essa inicia-se normalmente, porém à medida que se relata outro assunto, esse é iniciado com traço. Há relatos extensos e outros breves.

Ao relatar dia após dia a guerra, percebemos a necessidade de pontuar os dias e os fatos com nomes e com números, preocupação basilar da história. Inclusive as mortes provocadas pelos confrontos das tropas brasileiras contra a de Solano Lopez. Os sofrimentos, os atentados, as viagens longas e difíceis de uma localidade para a outra, as descrições das estradas de ferro, dos rios, da cavalaria, os barcos, os portos onde chegavam os alimentos, as bombas. Além disso, são relatadas as más condições de saúde dos soldados e dos animais, a escassez de alfafa e milho, também são acrescentados, ao longo da obra, os ofícios na íntegra, as cartas de instruções, a planilha de relações numéricas de tropa, oficiais, mortos, feridos, alimentos, fotografias.

O *Diário do Exército*, ao nosso ver, trata-se da porção menos literária da feição confessional dos escritos de Taunay, amalgamada num projeto militar, encomendada por um superior e escrita numa linguagem que se quer informativa. Diferente, portanto, do conjunto que a compõe. Apesar das diferenças, aí se encontram os mesmos temas descritos pelo mesmo escritor. O uso de diferentes níveis de ficcionalidade utilizados em distintas formas narrativas, com diferentes propósitos, também evidencia o trabalho de um escritor que sabe adequar o que tem a dizer. Por este aspecto, talvez, possamos afastá-lo, em síntese, da idéia de arte romântica desinteressada e aceitar a classificação de escritor em transição para um momento em que a arte é vista como arma a serviço da metamorfose do mundo, numa perspectiva realista.

2.3 Sobre o conto *Irecê a Guaná*

Quanto ao conto *Irecê a Guaná*, publicado inicialmente na obra de Taunay intitulada *Histórias Brasileiras* (1874), cremos que pode “ser lido como uma parábola do (des)encontro entre duas raças, a índia e a branca” (cf. contracapa da obra *Irecê a Guaná*, 2000), este se encontra no livro homônimo, organizado por Sérgio Medeiros, em que estão

inclusos comentários de reconhecidos críticos brasileiros. Primeiro, tem-se um comentário feito pelo organizador, intitulado “A volta de Irecê”, e depois quatro textos críticos: *A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay*, de Antonio Candido, *As vozes do Visconde de Taunay*, por Sérgio Medeiros, *Índia romântica. Brancos realistas*, de Lúcia Sá, e *Do verismo etnográfico à magia verbal*, de Haroldo de Campos. Esta obra contém 172 páginas, faz parte da Coleção Vera Cruz, publicada pela Editora Iluminuras, lançado em 2000.

O longo conto *Irecê a Guaná* é composto por 57 páginas divididas em três capítulos, sem títulos, somente apresentados por números romanos. Ao iniciar o conto tem-se, após o título, duas epígrafes, uma de Victor Hugo e a outra de Chamfort, que versam sobre amor e infelicidade.

Trata-se de uma obra ficcional, de caráter literário, com um único conflito relativo ao encontro/desencontro entre as personagens principais: Alberto e Irecê. O narrador em terceira pessoa conta a história de “Alberto” (que se assemelha ao nome “Alfredo” do escritor) e sua relação amorosa com uma índia, (assim como o próprio Taunay também vivera).

Nessa relação estabelecida entre Alfredo e Alberto, Antônia e Irecê, Literatura e Vida, está a base para compreendermos a trajetória literária de Taunay, escritor que produziu seus melhores textos a partir de uma vivência diferenciada dos demais escritores de sua época, assim, podemos repensar a questão a partir da afirmação de Walter Benjamin (1986) sobre o narrador: quem viaja tem muito para contar.

Se, *a priori*, o narrador fora da história afasta a idéia de confissão, o conjunto de informações acumuladas sobre o autor e sobre uma parcela significativa de sua obra acaba por incluir o conto neste possível circuito, em que se configura uma espécie de pacto autobiográfico às avessas, ou seja, não se trata de uma autobiografia como Philippe Lejeune a apresentou, mas de uma variação impulsionada por verdades extratextuais de cunho biográfico, passíveis de verificação.

2.4 O potencial autobiográfico: correlações

Ao viver uma experiência ímpar de distanciamento de uma realidade espacial e cultural conhecida, Taunay organizou a coleta de dados importantes que permitiram compor uma espécie de potência autobiográfica, ou matriz ficcional, que se transformou em ato.

Muitas de suas obras são frutos deste ato, inclusive se pensarmos tanto em *Inocência* quanto em *A Retirada da Laguna*, obras mais conhecidas do autor.

Em *Irecê a Guaná*, ao contrário das obras *Scenas de Viagem* e *Diário de Exército*, que têm um compromisso mais latente com o extratextual, o propósito eminentemente literário, ainda assim, abre as portas para a vivência e o passado expedicionário do autor, conforme percebemos no uso de aspectos linguísticos semelhantes aos recursos empregados em *Memórias*: “cuidados graciosos e lembrança felizes” (p. 36); “procura arredar da lembrança a necessidade de em breve” (p. 37); “convém lembrar-se que os índios” (p. 46); “lembrar de mim” (p. 48); “A lembrança de Irecê” (p. 51); “ainda hoje a recordação do amor de Irecê envia-lhe o espírito” (p. 55).

Lembranças de um relacionamento amoroso recontado posteriormente em *Memórias*, mas que aparece como uma forma de confissão sem o despistamento o ocorrido no conto, com as máscaras próprias das personagens em ação no jogo literário:

Quando Alberto lhe pedia alguma canção, Irecê cheia de alegria, mas tolhida de vexame, principiava toda a corar e a empalidecer, balbuciando e murmurando; depois, firmava a voz e desprendia do peito notas repassadas de uma ternura indizível e que vibraram como partidas das cordas do coração. (2000, p. 40).

Conforme podemos perceber também:

Ah! foram deveras esplendidos esses dia, até chegarmos ao Aquidauana! Perto dali daquele Porto do Canuto ficavam os Morros, a minha saudosa pousada de outrora e, no intimo, me encantava a possibilidade de tornar a ver a querida Antônia. (2005, p. 399).

Quanto aos costumes, a língua dos Índios, que estão relatados no *Irecê a Guaná*, Taunay também faz menção no livro *Scenas de Viagem*, isto se dá mais especificamente no último capítulo que Taunay intitula como “Os índios do Districto de Miranda”.

Núcleo mais povoado de toda a imensa zona que, sob a denominação de distrito de Miranda, se estende ao sul da província desde o rio Piquiri até o Apa e o Paraná, nesse tempo gozava a vila de foros de importância que nem as febres endêmicas em determinados períodos do ano, nem o desenvolvimento rápido de Nioque, situado a 25 léguas mais ao sul, haviam podido lhe tirar. (2000, p. 16)

Ainda em :

Em dous importantes grupos se divide a raça índia, habitante de Miranda: os *guaycurús* e os *chanés*. Os primeiros compreendem três tribus: a *guaycurú*, propriamente dita, que vai desaparecendo pelo contacto immediato com a gente branca, os *cadiués* que, pelo contrario, conservam-se no estado quase selvatico, em terrenos próximos aos rios Paraguai e Nabilek, ainda não bem explorados, e os beaiúos que habitam com os cadiués. (1923, p. 125)

Os mesmos assuntos são abordados nas diferentes obras do autor, mas a maneira como são relatados é que os torna diferentes. No primeiro trecho são comentados os costumes e como vivem, mas a temática central da obra é o romance entre branco e índia. Portanto, os demais assuntos só se complementam. Já no segundo que pertence à obra *Scenas de Viagem*, o escritor se detém mais no detalhamento de tudo, como se organizam as características, os costumes, os rituais, enfim, tudo a respeito desses índios que se encontravam em tal localidade.

No que tange ao contexto histórico, em 1865 iniciou-se a missão de repelir os paraguaios do Sul de Mato Grosso, e é nesse período que posteriormente Taunay inicia-se a sua escrita do livro *Scenas de Viagem*.

As forças destinadas às operações no districto de Miranda, achavam-se desde o dia 20 de Dezembro do anno de 1865, acampada á margem direita do rio Taquary, occupando, desde a confluência d'este com o rio Coxim, uma extensão de mais de legoa. (1923, p. 13)

Mas *Scenas de Viagem* só foi publicada em 1868, depois da Retirada da Laguna, e posteriormente, Taunay, como secretário do Estado-Maior do Conde d'Eu, parte para a guerra novamente e é nesse período em que Taunay dedica a escrita do *Diário de Exército*. A guerra, portanto, termina em 1870 e, ao regressar ao Rio de Janeiro, Taunay publica *Diário de Exército*, livro em que são relatados os acontecimentos que surgiram durante a ocupação do Paraguai.

Assim, voltou ele ao teatro da guerra, tendo partido do Rio de Janeiro com o Príncipe a 30 de março seguinte. A 16 de abril estava em Luque no acampamento do exército, sendo pelo Príncipe nomeado membro da Comissão de engenheiros e especialmente incumbido a redação do *Diário do Exército*. (1958, p. 07)

Já no conto *Irecê a Guaná*, a história se passa por meados de 1861 e foi publicada em 1874.

Em meados do ano de 1861, o vaporzinho *Alpha*, subindo da capital da província de Mato Grosso, desceu para Corumbá, e, por ordem do presidente de então, o coronel Antonio Pedro de Alencastro, demandou a foz do rio Mondego ou Miranda, cuja corrente foi cortando águas acima para conhecer das condições de sua navegabilidade durante a estação seca até a vila de Miranda, a qual assentava na margem direita e a mais de 40 léguas do ponto em que o volumoso e revoltado caudal faz barra no grande Paraguai.[...] (2000, p. 15)

Quanto ao período de 1861, é um período criado para a narrativa, assim como o nome do protagonista do conto, pois em *Memórias* esse fato parece ter acontecido por volta de 1865 ou 1866 quando Taunay teve a oportunidade de conhecer o Distrito de Miranda e os índios que ali habitavam. Percebemos, entretanto, que ele alterou esses fatores para que se subentenda que o livro não faz menção a um período vivido por ele, pois no conto, a abordagem do envolvimento com a índia é detalhado, já no livro *Memórias* é feita uma breve menção. Deixando pelas palavras somente a saudade da índia.

Compreendemos que a escrita de *Memórias* foi posterior a todas estas, iniciando-se em 1890, período posterior aos fatos, a escrita desta que vem como uma recordação, uma lembrança. Nas *Memórias*, o objetivo é somente lembrar os tempos vividos, enquanto no *Diário de Exército* e em *Scenas de Viagem*, o seu objetivo é relatar tudo o quanto pudesse ser útil posteriormente. Segundo Afrânio Coutinho, Taunay “pôs-se então a refazer o passado em escritos de reminiscências, que contribuem para esclarecer não apenas a sua obra, mas alguns aspectos e pessoas do seu tempo”. (1969, p. 281).

A força da obra *Memórias*, distanciada, porém, dos fatos vividos, reside menos em contar os fatos gerais e mais em relatar pela ótica do particular um enorme panorama de acontecimentos. A descrição poética não se dá somente quando quer descrever o ambiente, o cenário, mas em momentos diversos, percebemos que esse tipo de escrita se faz presente quando o escritor quer demonstrar certa saudade daquele período, seja pela formosa descrição das paisagens seja pela descrição das pessoas. A partir do momento que ele narra, esses trechos parecem trazer recordação, assim, muda o fazer narrativo, colocando uma certa leveza, um tom poético, como no trecho abaixo quando descreve a beleza da Índia Antonia.

Era Antonia uma bela rapariga da tribo *chooronó* (guaná propriamente dita) e da nação *chané*.

Muito bem-feita, com pés e mãos singularmente pequenos e mimosos, cintura naturalmente acentuada e fina, moça de 15 para 16 anos de idade, tinha rosto oval, cútis finas, tez mais morena desmaiada do que acaboclada, corada até levemente nas faces, olhos grandes, rasgados, negros, cintilantes, boca bonita ornada de dentes cortados em ponta, à maneira dos felinos, cabelos negros, bastos, muito compridos, mas um tanto ásperos. (2005, p. 269)

Ou ainda quando descreve a paisagem:

Neste momento bem me recordo do mágico esplendor que os raios do sol cadente punham aos cortes, muralhas e panos daquela cordilheira, toda de grés, acendendo nos píncaros, de carregada cor vermelha, verdadeiros incêndios em bocas de vulcão. Já de si cheia de prestígio a paisagem ganhava tanto, vista pelos olhos da mocidade! Que pressa, porém, tinha eu de chegar aos Morros, onde me esperavam as queridas índias e me achava tão feliz, tão à solta, tão longe do mundo e de todas as convenções!... (2005, p. 268)

Enfim, compreendemos que as obras de Taunay estão ligadas umas as outras, sobretudo pela temática ora da guerra, ora de uma forma de desbravamento do Brasil central, porém com aspectos, narrações e formas diferentes.

A partir “do rico manancial recolhido, de documentação humana, impressões de personalidade e acontecimentos” (MEDEIROS, 2005, p. 22), Taunay produziu obras de diferentes feitios narrativos, mas que podem ser avaliadas também segundo a idéia de confissão. O circuito sugerido nestas explanações indica uma das facetas do trabalho literário do escritor, que soube adequar seu repertório a distintas formas narrativas.

Por meio de seu fluxo de memória, o escritor costura as histórias desenvolvidas com diferentes fios de ficcionalidade. É a diversidade que chama a atenção neste circuito. Muito provavelmente o texto em que a expressão dos conteúdos de ficção menos está presente é o *Diário do Exército*, pois o talento do escritor segue à mercê do projeto militar. Na outra ponta deste recorte pode-se considerar que está *Irecê a Guaná*: conto em que a transfiguração criativa acrescenta à origem vivencial um viés muito diverso.

Entre estas duas pontas, e não por acaso, encontram-se a primeira e a última obra do autor. A primeira, *Scenas de Viagem*, que inaugura o talento descritivo de um escritor construído em marcha, e a derradeira, *Memórias*, fruto das reflexões de um “Eu” já possuidor de um nome e de uma obra, que deixa para a posteridade uma narrativa singular em que a urdidura do enredo se mantém à altura do nome que a produziu.

Mas mesmo que os assuntos tenham sido abordados em épocas diferentes, e com diferentes propósitos, estes foram retomados dentro da obra *Memórias*, de forma condensada, pois das impressões que colhera Taunay, agora, encurta “o que escrevera, dando-lhes mais sintético feitio” (2005, p. 22), o que também indica o trabalho literário de seu autor.

Assim, percebemos que por meio de seu fluxo de memória, o escritor tenta refazer uma história de maneira leve e quase como uma conversa informal entre o escritor e seu

hipotético público, mas narrada segundo uma crença de verdade, de exatidão e de sinceridade, tal como o século dezanove construiu a égide da forma narrativa das memórias.

3 A FORMA NARRATIVA DAS MEMÓRIAS

A memória introduz o passado no presente sem modificá-lo, mas necessariamente atualizando-o; é preciso considerar atentamente que o passado é por via de regra plural, um pulsar da descontinuidade.

Jacy Alves SEIXAS

O objetivo deste capítulo é apresentar considerações teóricas sobre a forma narrativa das memórias. Para tanto, nos deteremos em três pontos, após a distinção entre a concepção de memória durante o legado positivista e a noção de memória empregada contemporaneamente:

1. a escrita como construção ficcional;
2. a dicotomia questionável entre memórias genuínas e memórias ficcionais e
3. a relação entre memória e história.

Ninguém duvida que, contemporaneamente, a produção e a reflexão sobre a memória seja assunto dos mais pertinentes, já que estamos vivendo num tempo em que a recuperação do passado gera a obsessão pela idéia de salvar do esquecimento toda e qualquer produção humana.

A origem dessa obsessão está, no entanto, no passado. Desde o momento em que a sociedade burguesa se estabeleceu no século XVIII, começa-se a ser criada a noção de indivíduo e de existência. O homem, portanto, se constrói no social, constituindo o que lhe é interior. Mas foi no século XIX que as memórias foram convertidas em rigor científico e isso permitiu converter “a individualidade em valor, a impaciência de viver se desdobrou na impaciência de contar. E a narrativa real ou fingida da própria vida se tornou um tipo de história mais confiável que o enredo de romances e novelas” (CARDOSO, 1988, p. 65).

Vejamos, pois, a visão de memória cristalizada pelo rigor científico, tão em voga durante o século XIX:

3.1 Sobre a escrita de *Memórias*: uma visão positivista

Segundo Jacques Le Goff (2003, p. 419), o “conceito de memória é crucial”, embora existam diversas concepções para o termo. Cabe-nos, aqui, voltar ao momento da

produção da obra *Memórias* para tentar avaliar sob que desdobramento histórico e pensamento filosófico a obra foi construída, ou seja, como podemos ler os vestígios do século XIX no comportamento narrativo que a sustenta.

Dentre as informações retiradas da obra *O que é Positivismo* (JUNIOR, p. 1994), apreendemos que o século XIX marca o triunfo de duas correntes do pensamento: o Liberalismo, que considerava a natureza humana como base da própria lei natural e valorizava a liberdade individual e o Cientificismo, que reconhecia uma só lei natural a qual englobava e explicava todos os fatos e valores do mundo. O Liberalismo preconiza que o desenvolvimento moral, intelectual e político da sociedade só é alcançado pelo livre desenvolvimento do espírito e das faculdades dos indivíduos. Essa afirmação ia de encontro ao empirismo, que valorizava a experiência sensível dos fatos e o materialismo, que afirmava ser a matéria e suas leis tudo o que realmente existia. É, pois na contestação do racionalismo abstrato dos liberalistas que surgem os defensores do cientificismo. Desse primordial embate surgem às bases da idéia positivista. O Positivismo, portanto, torna-se um método e uma doutrina: método enquanto sugere que as avaliações científicas devem estar rigorosamente embasadas em experiências e doutrina, enquanto preconiza que todos os fatos da sociedade deveriam seguir uma natureza precisa e científica. Portanto, pensar na obra oitocentista, *Memórias*, é pensar segundo a visão do método e doutrina vigente nesse período. Segundo o filósofo Abbagnano (1998, p. 776) este

[...] termo foi empregado pela primeira vez por Saint-Simon, para designar o método exato das ciências e sua extensão para a filosofia [...] Foi adotado por Augusto Comte para a sua filosofia e graças a ele, passou a designar uma grande corrente filosófica que na segunda metade do século XIX, teve numerosíssimas e variadas manifestações em todos os países ocidentais.

Para o teórico Lalande (1967, p. 775), o que se designa por positivismo são:

Las doctrinas que se relacionan con la de Augusto Comte o que se le asemejan, a veces hasta de modo bastante lejano, y que tienen como tesis comunes que unicamente el conocimiento de los hechos es fecundo, que las ciencias experimentales; que el espíritu humano, en filosofía como en ciencia, no evita el

*verbalismo o el error más que con la condición de mantenerse sin cesar en contacto con la experiencia y renunciar a todo a priori: en fin, que el dominio de las “cosas en si” es inaccesible, y que el pensamiento no puede alcanzar más que relaciones y leyes.*⁴

Entre a visão histórica explicitada por Abbagnano e as características apresentadas por Lalande, podemos compreender que a palavra de ordem do Positivismo era desprezar a inacessível determinação das causas, dando preferência à determinação das leis. Dessa forma, substituía-se o método *a priori* pelo método *a posteriori*. O fundador dessa doutrina foi Auguste Comte, francês nascido em Montpellier, em 1798 e falecido em Paris, em 1857. Opondo-se à concepção do direito natural e do pacto social e às doutrinas teológicas, Augusto Comte preconizava o emprego de novos métodos no exame científico dos problemas sociais, substituindo as interpretações metafísicas e estabelecendo a autoridade e a ordem pública contra os abusos do individualismo da Escola Liberal.

O método positivista, segundo J. R. Júnior, é o método geral do raciocínio proveniente de todos os métodos particulares (dedução, indução, observação, experiência, nomenclatura, comparação, analogia, filiação histórica, descrição físico-matemática). No que diz respeito ao desenvolvimento do espírito humano, Comte admitia uma lei fundamental que recebeu o nome de Lei dos três estados: o primeiro estado seria o estado teológico-fictício, em que o espírito humano explica os fenômenos por meio das vontades divinas ou agentes sobrenaturais; o estado metafísico-abstrato, em que os fenômenos são explicados por meio de forças ou entidades ocultas e abstratas, como o princípio vital; e o terceiro estado, o estado positivo-científico, no qual se explicam os fenômenos de forma científica, utilizando-se a experiência sensível. O Estado Positivo seria um último estágio de evolução da sociedade.

Comte também divide as ciências em grupos de acordo com sua importância científica e seu grau de desenvolvimento. O filósofo também nega as causas eficientes e finais, o infinito e o absoluto, para reconhecer apenas o relativo, o sensível, o fenomenal e o útil.

Do ponto de vista social, Comte afirma que a sociedade deve ser dividida em classes, em dirigentes e dirigidos, como forma manter-se em harmonia na convivência social. Segundo esse ponto de vista, a sociedade é um organismo heterogêneo, mas cujas partes

⁴ **Tradução:** “As doutrinas que se relacionam com as de Augusto Comte ou que se assemelham a ela, às vezes até de modo muito distante, e que têm como tese comum que unicamente o conhecimento dos fatos é fecundo, que as ciências experimentais; que o espírito humano não evita, em filosofia como em ciência, o verbalismo ou o erro mas que com a condições de se manter sem cessar em contato com a experiência e renunciar a todo *a priori*: enfim, que o domínio das “coisas em si” é inacessível, e que o pensamento não pode alcançar mais que relações e leis”

deveriam trabalhar solidárias para o bem de todo. Assim, o pensador francês divide o estudo da estrutura social em dois campos principais: o estudo da ordem social, denominado de estática social e o estudo da evolução da sociedade, que recebe o nome de dinâmica social.

Em suma, como doutrina e método, o Positivismo passa a enfrentar a sociedade individualista e liberal, por meio dos princípios da ordem e progresso, considerados por Comte como fontes principais de todo sistema político. A política positiva não reconhece nenhum direito além do de cumprir o dever. Para Comte, a Sociologia era ciência abstrata, que estudava os fenômenos sociais e as Ciências Políticas eram a prática da sociologia. O termo “positivo” significa o real, por oposição ao quimérico, o útil em oposição ao ocioso, a certeza em oposição à indecisão, o preciso em oposição ao vago, o relativo em oposição ao absoluto.

O dicionário de Filosofia, de Abbagnano, apresenta teses fundamentais do Positivismo, entre os apontamentos expostos, o segundo define em especial a característica predominante deste momento e, por conseguinte, nas escritas de Taunay, “O método da ciência é puramente descritivo no sentido de descrever os fatos e mostrar as relações constantes entre os fatos expressos pelas leis, que permitem a previsão dos próprios fatos”. (1998, p. 777) Com isso, compreendemos o uso da descrição e a preocupação em relatar os fatos detalhadamente que são tão acentuadas nas obras de Taunay.

O Positivismo teve grande aceitação na Europa e também em outros países, como o Brasil. No caso do Brasil, ganhou conotações distintas do positivismo europeu e serviu de embasamento social-filosófico-político para vários movimentos políticos do século XIX, como a campanha abolicionista e o advento da República. As *Memórias*, portanto, podem ser vistas a partir de uma feição positivista e da noção de produção como método para realização mesmo de um retorno narrativo ao passado. Distingue-se, no entanto, das convicções políticas de seu escritor, da sua utilização em prol da mudança de sistema de governo no Brasil, visto que, para Taunay, era a Monarquia constitucional o melhor curso para o Brasil:

Dissipou-se [com a República] a límpida atmosfera de honestidade que cercava os primeiros funcionários do Império, a exemplo dos incessantes rasgos de desinteresse do Senhor D. Pedro II. E multiplicaram-se os exemplos de concussão e desbarato dos dinheiros públicos que em poucos meses enriqueceram uma nuvem de agiotas e especuladores, que, a todo o transe, queria pôr em leilão este pobre Brasil! (p. 61)

Apesar da aparente atualidade do reparo de Taunay, o que aqui nos cabe é justamente apontar como *Memórias*, na sua totalidade, é amparada por um ambiente de rigor científico. A obra em questão pode ser vista como o resultado de um trabalho sério e de um método que esclarece a dificuldade de retorno linear ao distante passado a que se remete, mas não deixa de anunciar como este passado será trabalhado. Talvez, por meio dessa escrita, esteja o escritor tirando do esquecimento as informações verdadeiras sobre vários episódios da história do Brasil. Para Taunay, escrever é verdade e missão, por isso, parece crer na memória como forma de salvar o passado do esquecimento:

[...] a respeito daquelas fôrças de Mato Grosso que tanto e tão inutilmente sofreram e de cujas aventuras dramáticas e até trágicas não restaria hoje o mais leve sinal, a mais apagada lembrança, se eu as não tivesse – talvez para sempre! – livrado do esquecimento. (p. 97)

Não se tratam apenas de lampejos sentimentais de um eu que se coloca como figura central de um mundo que ficou para trás, mas como uma narração bastante detalhada e cheia de método (quer na divisão dos capítulos, quer nas explicações que o autor tece sobre o modo de compor as memórias) que quer deixar claro que a Monarquia não é só o velho e o antiquado, nem a República que despontava seria a solução para o país.

Narrar uma vida segundo um ponto de vista sobre o país a que pertencia não é tarefa simples. Ainda mais para um escritor que já deixara uma obra da qual se orgulhava, conforme constam as suas declarações no início da terceira parte das *Memórias*: “[...] pode parecer imodéstia da minha parte; mas não sei, nutro a ambição de que hão de chegar à posteridade duas obras minhas *A Retirada da Laguna e Inocência...*” (p. 97) Ou ainda, em outras páginas, deixa relatada a importância da sua obra.

Também julguei de direito insistir um tanto no muito que sofremos. Nem era justo que se pagassem serviços tão extraordinários com o silêncio e o esquecimento. Agrada-me ao espírito de que, um dia, daqui a muitos anos, o olhar do leitor pouse com algum interesse nestas páginas [...]. (p. 244-45)

Assim como as declarações feitas quanto à elaboração das *Memórias*:

[...] na minha obra busquei, no mais possível, diluir as cores das terríveis e lúgubres cenas ali contadas, evitando a pecha de exagerado,

Procurei ser verdadeiro, não insistindo em episódios demasiado cruéis; poderia hoje reproduzi-los com todas as circunstâncias que os rodearam, mas não me agrada esse trabalho de repetição [...] neste livro de *Memórias*, o prazer do espírito é o meu grande incitamento. (p. 313)

É dentro deste molde científico e segundo estas considerações que o tema das memórias, como suporte de verdades que o escritor quer deixar à posteridade, aparece em Taunay, segundo uma perspectiva de verdade e de exatidão, próprias do século XIX.

3.2 Sobre a escrita de *Memórias*: uma visão contemporânea

Às vezes penso que escrever é, de fato, alhear-se de tudo ao nosso redor. Ao mesmo tempo, é preciso estar atento a tudo, manter o olhar crítico na sociedade, no processo histórico, no mundo insano que nos tocou viver. Talvez o trabalho do ficcionista seja movido por um diálogo tenso entre a memória e o tempo presente. Desse diálogo surgem as palavras com seus personagens e histórias, romances ou relatos que reinventam a vida. Para um escritor, é um modo solitário e modesto de suportar o mundo.

Milton Hatoum

A hipótese da memória dentro de uma visão contemporânea poderia seguir muitas veredas. Começemos com o romance brasileiro do século passado.

Foi no século XX, com o desdobramento do romance brasileiro modernista, que a forma narrativa memórias foi tomando a forma de um discurso ficcional memorialista. Nessa perspectiva, o intervalo de 1950 a 1980 foi um período em que se pode colher uma “safra rica de lembranças” (CARDOSO, 1988, p. 63), pois

Nas primeiras brechas da abertura, políticos retornados do exílio preencheram as listas de “best-sellers”. Traziam versões pessoais da fatia que lhes coube viver da história recente. Em seguida, novos Narcisos de dezoito anos – sem tempo para experiência política ou literária – usaram a palavra para contar sua rebeldia contra família, escola, padrões de comportamento. (CARDOSO, 1988, p. 69)

A narrativa literária produzida então no Brasil, por exemplo, vinculada a este *boom* de memória, é fruto desta necessidade de salvar da morte a experiência humana. Mas foi apenas o começo, hoje grande parte da produção literária contemporânea parece ser escrita sob o registro da memória, tema que não nos reporta ao nosso objetivo, mas que vale ser estudado alhures.

A noção de memória, na atualidade, enriqueceu-se consideravelmente, por meio dos desenvolvimentos cibernéticos e da biologia, sobretudo no que tange à relação com a memória humana, o consciente. A memória assume, hoje, um contorno de “um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 169).

Hoje, percebemos que este tipo de narrativa vem sendo cada vez mais procurado, saído da considerada literatura da margem, para seu lugar no centro dos estudos sobre obras literárias. Essa procura se dá porque as narrativas legitimadoras parecem distantes do universo atual. As memórias, portanto, estão tendo seu momento de reconhecimento e de sacralização. O interesse de ler a vida do “outro”, a curiosidade, a procura por uma solução aos seus problemas por meio dos relatos do outro, acabou tornando-a um gênero de leitores assíduos, e por isto tal sucesso.

Assim, é válido ressaltar que “o esboço de uma nova teoria da alma humana” (CARDOSO, 1988, p. 64) se desenvolveu pelo cruzamento de duas trilhas – “o memorialismo literário e a pseudo-autobiografia” (CARDOSO, 1988, p. 64), podendo haver ainda uma terceira trilha, esta composta por um confronto dessas duas, sendo este o ponto de partida que atualmente acreditamos, isto é, em que a obra por mais que relate os fatos acontecidos por meio da escrita, nos deparamos com metáforas, figuras de linguagens o que torna a obra ficção. Ficção não no sentido de mentira, invenção, mas sim como transcrição de um fato.

Mesmo em se tratando de uma obra do gênero confessional, sempre haverá fronteira, pois somente o passado vivido foi real, mas a escrita como seleção, fragmentação do real torna-se o que é comumente denominado de ficção. Segundo Alfredo Bosi (1997, p. 13), “Ao passo que no registro da memória histórica os desejos são desejos e os fatos, fatos. A imbricação de devaneio com relato propriamente é ficção”.

Quanto às memórias, no plural, ou seja, à forma narrativa de feição literária, ainda hoje são divididas pela crítica como memórias genuínas e memórias ficcionais. Será válida esta divisão?

As separações feitas, tanto entre obras literárias e obras confessionais, são frutos de visões simplistas que acabam considerando as obras ficcionais como aquelas de pura imaginação e aquelas não ficcionais, as do gênero confessional, pois a impressão é que o relato do passado seja puramente verdadeiro. Portanto, é válido ressaltar que não há obra literária em que não há traço da realidade, pois o que acontece com as obras de cunho memorialístico, é que o passado é recortado por uma recordação do indivíduo e ao ser escrito, adquire caráter ficcional.

Por mais que o *eu* se proponha a um desvelamento pleno, o seu discurso não será um retrato do real, pois as formas de linguagem são variadas, as expressões inúmeras, nunca certo acontecimento será relatado de uma única forma entre as pessoas. Todo relato é perpassado pelos mecanismos do discurso ficcional na leitura da realidade.

No entanto, perante tais considerações, é válido um olhar crítico, pois se sabe que toda obra é ficcional, e que não há necessidade dessa divisão. A questão central não está em ser ou não ser ficcional e muito menos em ser ou não ser real, mas sim em saber o valor de tais asserções dentro do gênero proposto. Para Walty “sob o rótulo de ficção se agrupam os discursos mítico, onírico e o artístico, especificamente o literário” (WALTY, 1985, p. 53), por isto independente de sua recriação ao real, é uma obra ficcional contada a partir de um olhar. E é nessa perspectiva, que obras como *Minha Formação*, de Nabuco, assim como *Memórias*, de Visconde de Taunay, devem ser analisadas dentro das memórias e não como forma puramente genuína, acabando, assim, com essas subdivisões estabelecidas, dando-lhes o que é seu por direito – a certeza de suas ficções, independentemente do teor literário que possam apresentar.

Na tentativa de esclarecer ou desvendar o mistério que há em relação ao vocábulo memória, é importante que se mostre algumas diferenças na conceitualização do termo *memória* em sua diversificada definição, que ora se apresenta como aspecto que aglutina traços de mentalidades coletivas (Memória - escrita com inicial maiúscula), ora como uma espécie de máquina mental ativa de cada indivíduo, máquina cerebral, seletiva, (memória – escrita com letra minúscula), além de representar a forma narrativa específica escrita em primeira pessoa do singular, de um *eu* que volta ao passado para compreender o presente, e/ou salvar da morte o que viveu (memórias – escrita no plural).

Se com isso acaba-se com o mito de uma única memória, ou da ilusão de que tudo o que sabemos sobre o mundo e sobre nós está armazenado em nosso cérebro como dados em um computador, cabe ressaltar que cada uma dessas concepções de memória abarca ainda uma infinidade de subdivisões.

A Memória como metáfora possui tantas representações quantas forem as comparações mentais consideradas por um grupo como válidas, ou seja, quando nos remetemos a algum episódio existe uma comparação implícita, uma comparação mental que faz parte de um imaginário compreendido e aceito pelos que também participaram desta mesma experiência vital, isto é, as lembranças coletivas, o comum entre um grupo. O ingresso e a sobrevivência nos desvãos da memória é fruto de imagens caras a uma época, a uma cultura, a um grupo de indivíduos - a idéia de memória permeia relações, práticas e lugares afins entre sujeitos. Pergunte a um grupo quais são suas memórias e perceberá que a permanência da informação se faz por meio de sugestões coletivas.

Diante dessas três vertentes mencionadas, este trabalho tem como finalidade se deter somente em uma, a memória como forma narrativa em primeira pessoa. Ao tentar definir memórias, podemos partir do princípio que esta tipologia narrativa, como uma parcela da literatura autobiográfica, acaba sendo considerada como a obra literária mais pura, aquela talvez que mais se aproxima do real, a ilusão de uma reprodução fiel dos fatos, essa sensação possivelmente se dá por ser uma confissão, um depoimento, aquela da qual a maioria dos leitores acredita que ao longo das páginas escritas encontrar-se-á a descrição de uma vida, portanto, para muitos, obra genuína.

A memória, além de ser composta pelas recordações marcantes de um ser, também se constrói pelo ato da recordação e suas inexatidões. O fato de lembrar não significa que iremos recordar tudo aquilo que foi vivido ou visto, pois nas revelações da memória há a seleção. Segundo Gondar e Costa (2000, p. 36):

[...] o esquecimento é necessário, não apenas para a evocação da lembrança – só lembramos porque esquecemos – mas para a própria constituição da memória. Pois uma coisa é falha no exercício do lembrar-se – esquecimento daquilo que já pode configurar-se um dia como traço de memória; outra mais fundamental, é a exclusão necessária a produção desses traços.[...]

Lembramos aquilo que o presente nos faz lembrar, e é assim que se constrói a escrita narrativa das memórias. Assim, “é neste *atopos*, neste espaço singular entre a lembrança e o esquecimento, que se instala o desejo de memória”. (GONDAR e COSTA, 2000, p. 43). São recordações de um passado, passadas pelo fio da linguagem.

Nesta perspectiva, fica claro que lembramos daquilo que nos convém, pois trata-se de uma atitude parcelar. Ao recuperar o passado, o indivíduo revisita-o com os olhos do presente, assim pode-se aproveitar lições sofridas no tempo anterior e tirar como aprendizagem

para encarar o dia de hoje, é como se largássemos de ser aquele ‘outro’ do passado e assumíssemos uma armadura para resistir e enfrentar o hoje.

Ao depararmos com obras intimistas, percebemos que o relato da intimidade individual de um ser torna-se o relato de identidade coletiva, pois em seus relatos haverá a presença das pessoas próximas, e é justamente neste sentido que o indivíduo busca o seu reconhecimento diante dos demais.

Mas se pensarmos em outra funcionalidade para as memórias, perceberemos que esta pode servir como suporte para historiografia, sendo que História e Memória têm como objetivo aparente trazer aos leitores um relato relevante, para que estes possam ser instruídos.

El objeto de las memorias coincide, aparentemente, con el objeto de la historia, esto es, dar cuenta de los hechos de cierta relevancia, hechos que serán referidos con objetividad, fidelidad y exactitud por el historiador y narrados por el memorialista desde una perspectiva personal, subjetiva, desde luego, pero menos que la manifestada en otros géneros autobiográficos, puesto que el memorialista mira al exterior, al mundo que le ha rodeado y del que se propone ofrecer, por alguna razón, su particular visión: son los datos, no los esfuerzos de un hombre por erigir su personalidad, los protagonistas de la obra.(CABALLÉ, 1995, p. 41-2)⁵

Assim, percebemos que tanto a narrativa histórica quanto a narrativa memorialística buscam, por meio da narração de fatos ocorridos, uma visão do passado, diferentemente da autobiografia. Para Caballé (1995, p. 40-1):

*[...]Sin duda, las memorias (en plural) pertenecen al dominio literario del YO puesto que le memorialista se adentra en sí mismo a la búsqueda de recuerdos: el objeto inmediato de su empresa no es tanto el mundo exterior como la propia vida que se quiere revivir mediante el recuerdo. El memorialista suele evocar acontecimientos o personas de alguna trascendencia, que influyeron en su presente o que ocasionaron consecuencias de interés en su futuro o en el de sus contemporáneos[...]*⁶

As memórias são, portanto, uma busca de recordações de pessoas e acontecimentos, de um momento passado, de um eu que se inscreve, em um momento atual.

⁵. **Tradução:** “O objeto das memórias coincide, aparentemente, com o objeto da história, isto é, dar conta dos fatos de certa relevância, fatos que serão referidos com objetividade, fidelidade e exatidão pelo historiador e narrados pelo memorialista sob uma perspectiva pessoal, subjetiva, contudo de uma maneira menos intensa que a manifestada em outros gêneros autobiográficos, posto que o memorialista focaliza o exterior, o mundo entorno e, do qual se propõe oferecer, por alguma razão, sua visão particular: são os dados, não os esforços de um homem por erigir sua personalidade, os protagonistas da obra.”

⁶. **Tradução:** “Sem dúvida, as memórias (no plural) pertencem ao domínio literário do **Eu** posto que o memorialista se adentra em si mesmo em busca de recordações: o objeto imediato de sua empresa não é tanto o mundo exterior como a própria vida que se quer revivir mediante a recordação. O memorialista só evoca acontecimentos ou pessoas de algum valor, que influirão em seu presente ou que ocasionarão consequências de interesse em seu futuro ou no futuro de seus contemporâneos.”

Desta forma, fica construído um relato de uma vida, de uma pessoa, do qual o grupo, o local em que esse eu passou, também será revisto pelo prisma de seu próprio confidente, uma volta ao passado que parece torná-lo cada vez mais vivo.

Podemos perceber que a “memória e autobiografia são substitutas dos espelhos” (LIMA, 1988, p. 66 *apud* CARDOSO), os fatos são refletidos por meio das escritas, ainda que estas sejam consideradas como legítimas ou como falsas.

É por meio de um conceito vago de memória que se constrói o texto de memórias. Na verdade, é por meio da linguagem que o relato memorialista é construído, tecido de escolhas, fragmentações, silêncios, lembranças e imprecisões. A narrativa que se forma e a urdidura do enredo, não são uma volta estática ao que ficou para trás. As memórias não são o único caminho a ser percorrido para se chegar ao passado, não são uma rua de mão única em que se caminha linearmente em direção ao que já passou: “Ir de volta ao passado não traz o passado de volta”. (MACIEL & MEDEIROS, 2007, p.16)

As memórias narrativas são, portanto, uma reconceitualização do passado, a partir do momento presente. Uma versão construída a partir do presente e de suas necessidades.

A memória não constrói o real, mas o resgata, recria-o, tece “os fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos [...] mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como realmente aconteceram” (SEIXAS, 2001, p. 51), a memória “procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.” (LE GOFF, 2003, p. 471)

Com essa atualização do passado, revocamos o vivido e o alimentamos. Nessa recriação do que já se passou é que a memória deve servir como libertação de expressão, de sentimentos e não como servidão para os homens.

Após estas considerações, cabe apontarmos, brevemente, o pensamento de dois teóricos do século XX sobre o tema das memórias:

3.2.1 Segundo P. Lejeune

Em seus estudos centrais, Philippe Lejeune não se detém especificamente na forma das memórias, mas na questão da autobiografia. Segundo Lejeune, para que haja uma narração autobiográfica e, por conseguinte, uma forma de memória: “*el texto debe ser fundamentalmente una narración, pero sabemos el lugar que ocupa el discurso en la*

narración autobiográfica; la perspectiva debe ser fundamentalmente retrospectiva” (LEJEUNE, 1994, p. 51)⁷

Quando Lejeune aborda o termo “narração autobiográfica”, isso significa que, por autobiografia, abarca em geral e *a priori*, todas as obras de cunho intimista, pois estas se constroem na coincidência da identidade entre autor, narrador e personagem. (LEJEUNE, 1994, p. 51). A diferença entre autobiografia e memória, no entanto, aparece explicitamente em seu estudo intitulado “O pacto autobiográfico” e diz respeito ao item “tema tratado: vida individual, história de uma personalidade” (LEJEUNE, 1994, p. 51).

Para o teórico francês, o objeto da memória não se faz exatamente na focalização de um eu, mas na focalização de seu entorno. A autobiografia quer tirar do passado a vida de alguém, mas a memória quer tirar de alguém, um passado, algo que tenha mais valor pelas relações, contexto histórico e amplitude coletiva.

Nesta perspectiva, é válido ressaltar que nos anos 80, do século XIX, a crítica historiográfica acreditava que a relação entre História e Memória era mais do que de conflito, isto é, de oposição, do que de completude. Mas hoje, acredita-se que há uma novidade por parte da crítica quando é entendida a “história como senhora da memória”, portanto “produtora de memórias” (SEIXAS, 2001, p. 39).

À medida em que a memória reinventa, reforma o passado em função do presente, está intimamente ligada à materialidade da memória, isto é, aos arquivos, aos símbolos, aos rituais, às datas e às comemorações.

Memória = história; memória *versus* história; memória e história: descaracterizado ou só reconhecida parcialmente – naquilo que mais a aproxima dos procedimentos voluntários, sistêmicos e intelectuais da história -, abocanhada pela voracidade historiográfica, a memória no entanto parece perseverar, de forma clandestina e poderosa, *à maneira que lhe é própria*, em sua relação sempre *atual* com a história. (SEIXAS, 2001, p. 44)

Assim, percebemos que diante dessa batalha, resta identificar mais o que as identificam e menos os que a diferenciam, pois

[...] memória e história conciliam-se enquanto exercitadores do fazer historiográfico, por outro lado, não se perde sua distinção de origem, não se dissolve o local dissonante de atuação do historiador e do memorioso, cada um respondendo

⁷. **Tradução:** “o texto deve ser **fundamentalmente** uma narração, mas sabemos o lugar que ocupa o discurso na narração autobiográfica; a perspectiva deve ser **fundamentalmente** retrospectiva”

diversamente ao chamado do passado e às agruras do presente. (PINTO, 1998, p. 306)

Em se tratando da narrativa contada a partir de um *eu*, percebemos que esta escrita em primeira pessoa é expressa ao longo das páginas uma existência, um ponto de vista, fazendo assim uma escrita preferencial de um *eu*. Nesse tipo de narrativa é estabelecido um pacto, pois o *eu* dessa obra propõe escancarar a sua vida, despertando no leitor a expectativa de conhecer esse *eu* que se desmascara.

Vejam agora o conceito de pacto autobiográfico apresentado por Lejeune. Pela recepção das venturas e desventuras narradas por quem vive sua alegria e angústia, propicia-se ao leitor um momento para lembrar-se, refletir e reviver suas próprias experiências. Além disso, o texto confessional promove a ilusão de que o escritor se desmascara, desnuda-se por meio de seu texto, dando a impressão de uma proximidade, de uma intimidade entre aquele ser, pessoa física que compôs a obra, e aquele que a lê, estabelecendo assim um pacto autobiográfico, isto é, o contrato entre o autor e o leitor, no ato da comunicação, na qual o leitor acredita que irá ler uma obra sincera da vida de quem narra. O leitor, por sua vez, busca revelações existentes no mundo, na vida. Este contrato, “*incita al lector real a entrar en el juego y da la impresion de un acuerdo firmado por ambas partes*” . (LEJEUNE, 1994, p. 133)⁸

Além do contrato implícito, a qual Lejeune se reporta para compor sua teoria, um outro pormenor nos chama a atenção e pode ser aplicado ao contexto da forma memórias. Trata-se da “elaboração literária”, que faz parte de um longo capítulo que traz como título “*La autobiografía de los que no escriben*” (LEJEUNE, 1994, p. 313-414)⁹.

Para Lejeune, a partir do momento em que o livro é escolhido como sistema de divulgação, a idéia de verdadeira fidelidade passa a estar atrelada a um trabalho de elaboração propriamente literária.

O problema consiste em criar um tipo de narração que conserve um certo tipo de oralidade mesclado ao prazer que um relato escrito pode proporcionar. Para Lejeune, quanto mais completa for a transposição do oral ao escrito, mas aparentará naturalidade (1994, p. 392). A questão narrativa, portanto, é central para o sucesso também de um texto que se pretenda fidedigno.

⁸ . **Tradução:** “este contrato incita o leitor real a entrar no jogo e dá a impressão de um acordo firmado entre as duas partes.”

⁹ . **Tradução:** “A autobiografia dos que não escrevem.”

Além da força da narração, a forma de ver um relato de vida depende também de sua posição em relação a outros relatos de vida análogos. Talvez por isso, por sua semelhança com outras obras do gênero, as *Memórias* de Taunay apareçam sempre atreladas à *Minha formação*, de Joaquim Nabuco. Ambos citados como marca inicial da escrita de memórias no Brasil.

Na perspectiva de Lejeune, portanto, um texto de memórias deve ressaltar o entorno, ter elaboração literária, colocar-se em relação a outras obras do gênero, propiciar uma espécie de pacto, narração retrospectiva e, principalmente, ter no nome próprio o seu ponto de partida. Tal como em *Memórias*, já que o narrador, o escritor e o protagonista se apresentam a partir de um ponto de vista referencial, pelo mesmo nome, nome este que a História do Brasil confirma como algo que não foi inventado.

3.2.2 Segundo T. Todorov

Para o teórico T. Todorov, a questão da memória deve ser vista menos do ponto de vista narrativo que do ponto de vista de resistência, ou seja, o uso da memória deve ser avaliado como método contra os sistemas autoritários. O importante é que “*todos tienen derecho a recuperar su pasado, pero no hay razón para erigir un culto a la memoria por la memoria, sacralizar la memoria es otro modo de hacerla estéril*” (TODOROV, 2000, p. 33)¹⁰.

Essa nova tendência para o discurso crítico até então era vista como uma desobediência aos limites da literariedade. Mas foi ainda no século XX, que os regimes totalitários tentaram a toda prova promover a supressão da memória, deletar as atrocidades cometidas sem deixar vestígios, mas os seus adversários queriam combatê-los por meio da difusão da informação. Para Le Goff (2003, p. 422):

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.

É nesse aspecto que a memória social acaba abordando os problemas do relativo tempo e da história. De fato, se os regimes totalitários do século XX tentaram promover, com

¹⁰ **Tradução:** “Todos têm direito de recuperar seu passado, mas não há razão para erigir um culto à memória pela memória, sacralizar a memória é outro modo de fazê-la estéril.”

o intuito de apagar as informações sobre as atrocidades cometidas, a supressão da memória, acabaram por gerar, como reação, meios para a difusão da informação. Segundo Todorov (2000, p.14-5), os resultados desta reação são um retrato do nosso mundo contemporâneo: 1. a reconstrução do passado passa a ser vista como ato de oposição ao poder; 2. o apreço pela memória se alarga além de seu contexto original; 3. a memória passa a ser ameaçada não pela supressão da informação, mas por sua superabundância.

Desta maneira, a arte ocidental, de maneira geral, acaba por se contaminar pela necessidade de lembrar, pelo *dever* de lembrar. A escrita de textos em forma de memórias em que o exercício de ficcionalização situa-se na borda da história, exhibe, hoje, portanto, sua conexão com o passado e a tradição.

Segundo Todorov, “*la memoria no se opone en absoluto al olvido*” (2000, p. 15)¹¹, pois temos de esquecer na mesma proporção de lembrar, tanto a “supressão” quanto a “conservação” devem caminhar juntas, nesta perspectiva admitimos que memória é seleção, pois ao mesmo tempo que recorda de algo, esquece-se de outras coisas, não há como conservar tudo na memória e relembrar sem seleção, lembramos à medida que o presente necessita. Não é um retorno linear, as lembranças ocorrem por meio de flashes, as cenas são passadas em segundos, construindo assim a descontinuidade. Para Todorov “*la memoria se articula com otros principios rectores: la voluntad, el consentimiento, el razonamiento, la creación, la libertad*” (2000, p. 23), “*la memoria no es sólo responsable de nuestras convicciones sino también de nuestros sentimientos*”. (TODOROV, 2000, p. 26)¹².

Enfim, entre o esquecimento e a lembrança, entre o individual e o coletivo, entre a construção da identidade e a impossibilidade de reconstruir o passado, o estudo da memória vem trazer-nos o conhecimento do caráter plural que, inviabiliza, a tradicional imagem fixa do passado e se remete a um conceito próximo tanto ao de construção literária como de reelaboração, que precisa, historicamente, ser lembrada como recurso principal na luta contra a dominação.

Assim, as recordações são atravessadas pela memória, vencem os obstáculos que emergem, reconstruindo o passado e transformando-o em algo aparentemente vivaz. Quanto ao presente, fica uma lição de um passado, tal como Taunay quer deixar registrado: um passado imperial que está preste a desmoronar em face ao surgimento da República.

¹¹ . Tradução: “a memória não se opõe em absoluto ao esquecimento.”

¹² . Tradução: “a memória não é só responsável por nossas convicções, mas também por nossos sentimentos.”

3.3 Entre o rigor científico e a descrença na República: *Memórias*

As *Memórias* de Taunay foram escritas antes da sacralização da memória, antes da compreensão contemporânea que visa a derrubar fronteiras e não a fechar as disciplinas entre muros sólidos.

O texto de Taunay, escrito durante um momento de difusão positivista da ciência, assemelha-se a esta busca rigorosa pelos fatos do passado, mas numa perspectiva ímpar, pois à medida que o escritor remete ao que ficou para trás, um método e uma idéia de veracidades dos fatos ao longo da narração são implícitos, porém não se incorpora com o envolvimento político à que esta forma filosófica de pensar assumiu em terras brasileiras, sobretudo por estar atrelada à idéia de república.

Todo o teor positivista das suas recordações está impregnado por uma forma de reconhecimento e gratidão ao regime que findava.

Aos olhos de hoje, podemos reconhecer na largueza das anotações de Taunay não o que ele pensou estar escrevendo: as memórias genuínas de quem viveu o Segundo Império e grande parte dos momentos importantes a ele relacionados, mas a visão única de um narrador que, num momento de crise, volta ao passado para reconhecer, no presente, os erros que o presente aprende. Para tanto, usa, diversas vezes, de um recurso narrativo que parece unir as duas pontas de um novelo em que a linha principal é o desdobramento político do Brasil. Vejamos, por exemplo, as considerações que aparecem no item XVIII, da primeira parte. As recordações partem do dia da entrega de prêmios no sétimo ano do colégio Pedro II, momento do enunciado, para o momento da enunciação:

COMO PODERIA eu, (entre parênteses) conciliar toda essa série de gratas reminiscências, tão suaves ao meu espírito e que rodeiam a idéia de monarquia de tamanho prestígio, como sagradas tradições, com a atual ordem das coisas? Não, não; é de todo impossível! Fora o abandono vil e miserável dos melhores e dos mais puros sentimentos, que se aninham no peito humano. A outros, que não experimentaram, desde criança, o influxo de tantas impressões, a volubilidade de opiniões. (p. 61)¹³

¹³ O recurso utilizado na citação, “ (entre parênteses) ”, é original do texto.

Adiante estas considerações, o escritor acrescenta, profeticamente, “Que tristíssimo e deprimente fato da nossa história e quão dura há de ser para o Brasil inteiro a expiação!” (p. 61).

Afora estas considerações que dão o tom da posição política do escritor, o texto das *Memórias* é um extenso e colorido painel que se apresenta, ao leitor de hoje, cheio de surpresas. Por meio de suas recordações, ficamos sabendo, ainda na primeira parte, que o escritor, quando residiu por alguns meses no Andaraí, ia, junto de sua irmã Adelaide, brincar com as princesas D. Isabel e D. Leopoldina (p. 60); que o próprio D. Pedro II assistia a todos os exames no colégio que criara (p. 58), que o menino Taunay recebeu aos quinze anos o grau de bacharel em belas-letas, no dia 24 de dezembro de 1858 (p. 59), após ter sido reprovado no sexto ano; que seu professor de História no colégio D. Pedro II era ninguém menos que o primeiro romancista do Brasil: Dr. Joaquim Manuel de Macedo (p. 56); que o futuro escritor quis aporuguesar seu nome para Alfredo Escranhóle Toné, mas foi dissuadido por seu pai (p. 63).

A segunda parte inicia-se com a confabulação familiar sobre qual carreira Taunay deveria seguir (p. 69); que por influência do pai resolve ingressar na carreira militar e se matricularia na Escola Militar para a formação em engenharia civil, completada por curso especial na praia vermelha (p. 69); que admite não ter inclinação para a carreira das armas, mas que se saíra bem nos estudos (p. 80); que em 1884 sai a sua confirmação para segundo tenente de artilharia, circundada da decepção de quem almejava uma confirmação no quadro especial de engenheiros (p. 89); que estava terminando o segundo ano do curso militar em 1864 e em todo Brasil não se falava senão em guerra (p. 90); que amedrontado com a possibilidade de enfrentar a guerra, resolve se encartar na missão por terra, por acreditar que viajando por toda a extensão do interior do país, quando chegasse à zona do Apa, a guerra com certeza estaria acabada.(p. 92); que a partida o leva a um pensamento temeroso: “E se a morte estiver me esperando nos fundos sertões de Mato Grosso?” (p. 93), assim se encerra a segunda parte.

A terceira parte inicia-se com os rumores da expedição; isto é, Taunay recebeu uma ordem de mobilização, juntamente com os outros oficiais alunos, em 1864, no início da Guerra do Paraguai. Com isso, Taunay uniu-se à Expedição de Mato Grosso, como ajudante da Comissão de Engenheiros, para trazer ao governo imperial notícias do corpo expedicionário, cujas experiências o habilitariam para a maior parte dos seus escritos, a começar do primeiro livro, *Scenas de Viagem*.

Tantas eram as dificuldades que se opunham que a “idéia predominante era que jamais poderíamos alcançar Mato Grosso” (p. 175). À medida que a expedição ia se “aproximando do núcleo de convocação” (p. 181), colocava em “prática o rifão muito em voga, naqueles tempo da Campanha do Paraguai: “Deus é grande, mas o mato ainda maior” (p. 181). O período era “de enorme sofrimento, ameaçados na conservação da vida pela falta absoluta de víveres” (p. 239).

Em “11 de março de 1866, após a subida, em extremo pitoresca, da Serra de Maracaju, chegamos ao ponto terminal da nossa jornada, o acampamento em que estavam foragidos os habitantes da vila e do distrito de Miranda desde os começos de 1865, quando os paraguaios haviam invadido toda aquela região”. (p. 246) “E encheu-me o coração um movimento de indignação e dor ao ver assinalada, ali, diante de mim, irrecusavelmente, a ocupação do solo da Pátria pelo feroz inimigo!” (p. 246) Quando chegaram à aldeia, acolheram-os com gritos de alegria e a “cada momento reuniam-se mais pessoas, por tal sorte que nos apeamos, no centro do mísero povoado que haviam formado” (p. 247), “todos se mostravam pasmados da travessia em que nos tínhamos empenhado” (p. 242). Era um povo isolado há algum tempo, e por tal motivo, eles pediam “notícias do resto do mundo”. (p. 247) Foram nos Morros, que proporcionaram “extraordinária abundância” (p. 248) na alimentação.

A natureza, as árvores gigantescas, as águas puríssimas e a convivência com os índios tudo era muito prazeroso para eles. Chegaram à “margem direita do Aquidauana” (p. 267), cuja exploração foi feita com muito encantamento e “muita cautela por causa das rondas paraguaias”. (p. 267) O encantamento pelo lugar aumentou mais ainda, quando em uma certa tarde, chegou numa caravana, uma bela rapariga, Antonia, da tribo *chooronó*, Taunay ficou surpreso e admirado com tal beleza. Assim, Taunay procura negociar a índia com propostas exorbitantes, juntamente com um colar de contas de ouro. O acordo foi estabelecido e o romance surge com tom intenso. “A bela Antônia apegou-se logo a mim e ainda mais eu a ela me apeguei” (p. 277) Mas “era preciso, indeclinável, deixar tudo aquilo, todo esse conjunto de prazeres fáceis e de feição bem original e por cima a formosa e amada Antônia”, (p. 277) muito lhe custara “mas não havia remédio”. (p. 277)

Saíram 05 de setembro, deixaram Taboco, em direção à vila de Miranda. Taunay começa a ter febre, e os remédios que seu pai mandava não estavam sendo suficientes para cortar a dor. Por causas dessas dores, as léguas a serem percorridas tornaram-se mais penosas. Com muita dificuldade chegou a um ranchozinho junto ao Rio Aquidauna, prosseguindo a viagem chegou aos Morros, e desceu a serra e chegou “ao rancho da gente da Antônia”. (p. 295) Foi um reencontro afetuoso não só por parte de Antonia, mas de toda sua

família, “Antonia mostrava-se exultante de alegria e me fazia mil carinhos, expressando de modo engraçado [...] a saudades que por mim curtira”. (p.295) Na manhã seguinte, se despediram foi um adeus “breve e sem lágrimas” (p. 296), seria a última vez a vê-la. Os paraguaios apareciam de repente, colocando em alarme todo o acampamento, assim, a comitiva dos brasileiros se posicionavam e iniciavam o tiroteio, a corrida atrás dos inimigos.

Dia 11 de Abril chega o filho de López e outros brasileiros fugidos do território paraguaio, o que veio apressar a Marcha para o Apa, no dia 14 de abril começaram “a marcha em busca do inimigo, chegaram em Bela Vista”, território paraguaio” (p. 313), foram “com o coração apertado”, (p. 313) os paraguaios sempre fugiam, o que os atraía “para mais adiante” (p. 313). Preparam tudo para a largada de fogo, mas “tudo voou pelos ares” (p. 316), pois houve uma “chuva mais que torrencial diluviana, e ventania furiosa” (p. 316), eram pelos clarões dos relâmpagos que tentavam cuidar do local e ver se os inimigos avançavam “abriram contínuo fogo, de modo que a fuzilaria dos homens preencha os ralos intervalos em que não se ouvia o estrondar ensurdecedor dos céus”. (p. 316)

Mas no dia seguinte o combate foi estabelecido e surtiu resultado, colocando “o sentimento da superioridade sobre os paraguaios”, (p. 317) Depois de tal vitória, sobre eles “estendera a cólera-morbo”, (p. 331) essa peste que levou “companheiros aos centos”. (p. 331) “O clarim do quartel-general deu sinal de marcha” (p. 308) para que a marcha fosse dada durante a noite, a fim de que se chegasse em Nioaque o mais rápido possível. Depois, Taunay partiu do Acampamento do Canuto rumo ao Rio de Janeiro, passando por Camapuã, vila de Sant’Ana do Paranaíba, Rio Grande no estado de São Paulo, Campinas e na Capital do Império. “Saudosas e terríficas se não odientas, ao deixar para todo o sempre esses lugares em que tantas e tão longas agruras, e dores havia curtindo, mas [...] tão vários, formosos e impressionantes”. (p. 345)

Já em Santos, Taunay manda um telegrama a seu pai, avisando-o do dia de chegada e a hora, e assim que ele chegou, seu pai estava-lhe esperando “no meio da baía do Rio de Janeiro”. (p. 381). Depois disso, o pai de Taunay recebeu uma carta do Conde d’Eu, Comandante-em-chefe das forças brasileira em operação no Paraguai, o qual convida Taunay para ser secretário do seu Estado-Maior, ficando com o encargo de redigir, o *Diário de Exército*, nessa carta o comandante argumentava que: “O seu Alfredo é-me indispensável. Tenho, pois, que o levar comigo, tra-lo-ei major pelo menos”. (p. 416) “Diante de tão formal, promessa e a vista de tão calorosas palavras, não havia vacilar”. “Prevíamos todos o mais brilhante futuro na minha carreira militar” (p. 416)

A quarta parte inicia-se com a despedida de Taunay a seus familiares, ele partiria em um vapor rumo à Guerra do Paraguai, como correspondente, pois fora convidado pelo próprio Conde d'Eu para redigir todos os movimentos e acontecimentos da campanha. Mas a alegria do convite se esvaiu, e Taunay experimentou viva decepção ao longo da viagem, já que acreditara que por ter sido convidado seria tratado com mais proximidade, o que não aconteceu, pois havia uma distância hierárquica e ele se achava na condição de “simples subordinado militar”. (p. 422).

Depois de sete dias de viagem direta, chegaram em Montevidéu, dia 05 de abril, cujo lugar Taunay apresentou ao Conde d'Eu a primeira correspondência. Prosseguindo a viagem, chegaram em Luque; no final do dia, Conde d'Eu pede a Taunay que “todos os dias [...] (7 da tarde), devia ir vê-lo, não só para saber das novidades dignas de serem mencionadas no histórico da campanha, como para” (p. 427) conversar assuntos de importância. Posteriormente, eles voltaram, a Piraiú, dia 11 de julho, foram para Taquaral. O corpo do exército era composto por 18.340 homens, reunindo todas as tropas de combate.

Em Piraiú, era uma hora da madrugada, quando Taunay recebeu o triste telegrama, informando que Alexandre d'Escagnolle, seu primo, havia sido esmagado por um trem de ferro. Na esperança de vê-lo vivo decidiu sair dali naquela hora mesmo, mas foi em vão. No dia 06 de agosto subiram a serra que Solano López havia deixado aberta e livre. No dia seguinte, ocuparam a vila de Valenzuela, e lá acharam “algumas famílias paraguaias de distinção” (p. 454).

Passados alguns dias, encontraram alguns índios chanés presos pela invasão paraguaia de Mato Grosso, a uma légua e meia de onde estavam, com isso Taunay lembrou-se dos “tão saudosos Morros” (p. 454). Depois, seguiram até o “arroio Tagui-mi, ocuparam os altos dos outeiros que cercavam a praça de Peribeubí”. Assim, Conde d'Eu “mandou as encruzilhadas de estrada e ordenou o assalto da improvisada capital do López para o dia 12” (p. 455) o que foi um violento bombardeio, embora eles tivessem uma violenta defesa, tudo estava sob o poder dos brasileiros.

Com todo o bombardeio, houve uma baixa na quantidade de homens que compunha o corpo do exército, mas “as perdas do inimigo foram totais. Ficou ele todo, ou morto ou prisioneiro. Perto de 700 cadáveres contados” (p.458). Tomaram Peribeubí e abafaram “qualquer resistência” (p. 460), os soldados saquearam as casas e “saíam com muitos objetos” (p. 460), principalmente das casas ocupadas pelo “ditador López e por Madame Lunch” (p. 460) dos quais encontraram pratos em moedas, “peças espanholas do

valor de dois mil réis”, (p. 460) armas, objetos curiosos e de luxo, eram “restos de grandezas passadas” (p. 460).

Depois o exército avançou “em direção a Caacupê, porquanto o Conde d’Eu queria aproveitar mais possível os momentos, a fim de ver se conseguia aprisionar Solano López” (p. 462). Recebido a notícia de que López estaria em direção dos Hervais, aceleram a marcha, para ver se o alcançava, mas foi impossível, a cavalaria estava muito cansada devido às contínuas explorações. Conde d’Eu, tomou a frente, galopando em direção onde se “estendia a extensa força paraguaia” (p. 468) tomando posição paralela com os inimigos”, o que sustentaram tiroteio. Conde d’Eu renova a ordem para “avançar a todo galope” (p. 470). Aviva-se o fogo cada vez mais, travaram, porém, uma violenta luta que resultou num “medonho atropelo de gente, cadáveres, carretas, bois e até de mulheres e crianças a saltarem gritos lancinantes que se faziam ouvir no meio do mais violento fogo de fuzilaria e troar da artilharia” (p. 471).

Após muita batalha conseguira deixar “limpa de inimigos uma extensão de mais de 2 léguas” (p. 474). Essa, contudo, foi a Batalha de Campo Grande que teve resultados “brilhantes”, mais de 2.000 mortos paraguaios, 1.300 prisioneiros. “Terminara a resistência” (p. 477), Quantas dores inenarráveis, desconhecidas até chegar o apaziguamento da morte (p. 477). Mas a batalha continuava, fizeram acampamentos em alguns lugares estratégicos: “De Campo Grande partiram três estradas, que se uniam em Caraguataí”, (p. 480) e em Tubichati, Alfonso e Caguijuru. Seguiram em direção a Sant’ Ana, Apa, Anhambaí, Guairá, Iporá, Paraná e Pirabebe. Caraguataí sentiram escassez de víveres, pois o príncipe não tinha querido prorrogar o contrato de fornecimento com o Exército o que provocara “a fome, o sofrimento e a miséria dos soldados e oficiais” (p. 486).

Mas, essa Campanha da Cordilheira chega ao fim, “com a morte do tirano López, no Aquidabaniqui, em Cerro Corá” (p. 482), o triunfo foi completo, hastearam a bandeira, glorioso. Conde d’Eu após ter ido para Assunção, retorna, pois, “nada mais tinha que fazer naquela terra, paraguaia tão devastada e melancólica” (p. 498) e assim, ordena a mudança do Acampamento para a Vila Rosário, fazendo de “base de operações para a invasão dos Hervais” (p. 499), depois de Rosário foram para Curuguati. O príncipe encarrega a “tarefa de recolher os infelizes destinados de López (p. 507) que estavam vagueando pelas matas. A marcha prosseguia e pararam em Moura. Frequentes eram as notícias da situação que se depararam com os destroços do Exército de López.

A quinta parte inicia-se mencionando a candidatura de Taunay como representante nacional (deputado) pela província de Goiás, na qual obtivera êxito. Com isso,

Taunay sentiu-se importante, “mas também receoso de não poder vir a corresponder ao que se esperava” (p. 524), dos seus recursos e aptidões. Taunay agora começa “uma evolução nova e de ordem diferente” (p. 531) em sua vida, toma posse da candidatura, apresenta-se à missa e posteriormente faz o “o juramento sobre os Evangelhos nas mãos do oficiante” (p. 531).

Em 1886, Taunay ocupava “a presidência do Paraná e era ao mesmo tempo candidato à deputação geral pelo primeiro distrito de Santa Catarina” (p. 542) Eleito a deputado geral por Santa Catarina, logo depois, por influência de Barão de Laguna, é eleito como senador pela mesma província. Quando estava na Câmara dos Deputados sempre se manteve recolhido, embora lhe custasse muito, a verdade é que Taunay nunca se sacrificou em dizer o que pensava, pois ele expressava certo “desgosto acerca da resistência que de contínua encontrara naquela presidência” (p. 574), por isso se candidatou a Senador, justamente pensando nas imunidades do Senado, pois assim poderia falar a gosto. Mesmo diante de tantas posições políticas Taunay afirma “fiquei sendo o que era e sempre fui, profundo admirador da Monarquia que o Sr. D. Pedro II fundara no Brasil e por 50 anos sustentara, fazendo desse país um Império único no mundo - muita grandeza moral, esperanças imensas, emolduradas por natureza inexcelsivelmente bela!...” (p. 578).

A extensão dos acontecimentos e a representatividade que comportam tanto no âmbito nacional quanto no âmbito pessoal fazem da narrativa das *Memórias* um texto ímpar. Por ele temos acesso a tantos detalhes da história política da Monarquia, quanto de seus membros, além de ser um vasto painel, bem escrito, de um longo período da história brasileira. A referencialidade da narrativa, ao nosso ver, no entanto, não a exclui de um caráter literário, posto que a maestria técnica de um escritor de obra consagrada garante ao texto o vigor da narrativa literária em tom de memórias.

As *Memórias* de Taunay, portanto, parece-nos um texto escrito segundo um conceito cristalizado de memórias, como o começo nos apresenta: “NASCI NA cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império do Brasil, à Rua do Resende n o. 87, às 3 horas do dia 22 de fevereiro de 1843”. Além deste começo formal, temos uma seqüência linear dos acontecimentos, pincelada por *flashforwards* que servem para aproximar os fatos distanciados da consciência política e das idiosincrasias do escritor carioca.

Mesmo sendo um texto anterior à sacralização da memória, reconhecemos nele o mesmo ímpeto de difusão de informação comentado por Todorov. A diferença é que, chegada a República, Taunay quis lançar para o futuro a sua visão do passado, mantendo-a, na medida do possível, isolada do presente, usando, para tanto, a arca de sigilo.

Vejamos, agora, qual o lugar e o valor deste texto, de informações singulares, na historiografia literária brasileira.

4 O LUGAR E O VALOR DE *MEMÓRIAS*: REFLEXÕES

O problema da avaliação literária é o problema de qualquer avaliação. Vivemos num universo de valores, e escrever é uma atividade humana, não sobre-humana. Eu não imagino valores perpétuos; pode-se descobrir uma obra amanhã que não foi reconhecida em seu tempo [...].

Zulmira Ribeiro Tavares

Ao pensarmos na historiografia literária brasileira, pretendemos, aqui, refletir sobre o lugar das *Memórias*, de Visconde de Taunay, dentro deste contexto. Para isso, faremos uma breve retomada do cenário literário, no período em que esta obra se insere, para, posteriormente, analisarmos a sua posição no quadro literário brasileiro.

Se podemos considerar que as primeiras manifestações da literatura começam a ser traçadas a partir da Carta de Pero Vaz de Caminha, só três séculos depois, com a Proclamação da Independência, surge uma escrita brasileira, coincidindo com a implantação do período romântico. Foi nesse período “que desenvolveu-se cada vez mais a consciência de que a literatura brasileira era ou devia ser diferente da portuguesa, pois o critério da nacionalidade ganhou no mundo contemporâneo uma importância que superou as considerações estéticas” (CANDIDO, 1999, p. 36)

Foi com a Independência do Brasil que o país procurou ajustar às exigências da época, acompanhando as nações independentes da Europa e América. Havia, porém uma necessidade de auto-afirmação da pátria, que começava a surgir. Portanto, é neste aspecto que o Romantismo foi tomando formato, com suas marcantes características: o nacionalismo, a busca pelo passado e a exaltação à natureza. Essas já eram cultivadas na Europa, porém se adequavam à necessidade brasileira. Com traços brasileiros, essas características ofuscaram o período conturbado por crises sociais, financeiras e econômicas.

E é nesse âmbito que podemos dizer que o romantismo teve caráter local, nacionalista, com o objetivo de “afirmar a peculiaridade, criar uma expressão nova se possível única, para manifestar a singularidade do país e do Eu”. (CANDIDO, 1999, p. 38). Em busca da superação do estatuto colonial, iniciou a consciência nacional fornecendo dessa maneira um “desenvolvimento mental para uma nação independente” (CANDIDO, 2002, p. 107).

Na busca de “autodefinição da consciência local” (CANDIDO, 2002, p. 113), surge o regionalismo como um ponto principal para essa atitude. E é nesse âmbito que Taunay

está inserido. Segundo Antonio Candido, juntamente com ele está “José de Alencar, Bernardo Guimarães e Franklin Távora” (CANDIDO, 2002, p. 113).

Para Alfredo Bosi, a obra *Inocência* é classificada como “sertaneja” (BOSI, 1994, p. 129). Este tipo de ficção nasceu do

[...] contato de uma cultura citadina e letrada com a matéria bruta do Brasil rural, provinciano e arcaico. Como o escritor não pode fazer folclore puro, limita-se a projetar os próprios interesses ou frustrações na sua viagem literária à roda do campo. Do enxerto resulta quase sempre uma prosa híbrida onde não alcançam o ponto de fusão artístico o espelhamento da vida agreste e os modelos ideológicos e estéticos do prosador”.(BOSI, 1994, p.141)

Parafraseando Bosi em suas considerações, percebemos que Taunay tinha condições de dar ao regionalismo uma versão sóbria, contudo tem ele pouca fantasia, e muito senso de observação: “Há algo de diplomático, de mediador, na sua atitude em relação à matéria da própria obra. Taunay idealiza, mas parcialmente, porque o seu interesse real é de ordem pictórica: a cor da paisagem, os costumes, os modismos, que ele observa e frui como *típico*” (BOSI, 1994, p. 145).

Para Alfredo Bosi, o valor literário de Taunay está restrito à obra *Inocência*, pois “nada há que supere *Inocência* em simplicidade e bom gosto, méritos que o público logo lhe reconheceu, esgotando sucessivamente mais de trinta edições sem falar nas que, já no século passado, se fizeram em quase todas as línguas cultas”.(BOSI, 1994, p. 145). Em rodapé, o crítico paulista cita algumas das obras do escritor, mas acrescenta que se trata de um repertório vário e irregular. Nesta enumeração não há sequer menção ao *Diário do Exército*.

Afrânio Coutinho não tece comentários muito diferentes das considerações de Alfredo Bosi. Considera *Inocência* como “o único que conseguiu sobreviver [...] e o tornou conhecido fora do Brasil” (COUTINHO, 1969, p. 267 - 268). Algumas obras de Taunay são citadas em *Literatura no Brasil* também em nota de rodapé, mas não as do circuito por nós proposto. Ainda em *Literatura no Brasil* há uma bibliografia de e sobre Taunay que cita *Scenas de Viagem* como bagagem de suas viagens; *Diário do Exército* como um trabalho a ser redigido e a obra *Memórias* está enquadrada como “narrativas de guerra e viagem, descrições, evocações recordações, depoimentos” (COUTINHO, 1969, p. 343) que “reúne muitos escritos anteriormente publicados pelos herdeiros sob várias designações”. (1969, p. 343)

Para Antonio Candido, Taunay é um escritor que “ficou na história da literatura como autor regional embora tenha escrito também narrativas urbanas de boa qualidade” (p.

111), para o crítico, Taunay e Alencar procuravam uma linguagem simples, realçavam a descrição da natureza e dos costumes e tinham como propósito fazer o leitor se apaixonar pelo seu país por meio da literatura.

No texto “Historiografia Literária do Brasil” (1998), de Benedito Nunes, Taunay é citado somente pela sua obra *Inocência*, nas categorias de romance realista ou naturalista. Sobre as outras obras não aparece nenhuma informação.

Percebemos que os críticos anteriormente citados tecem comentários semelhantes quanto às obras de Taunay. O que fica ressaltada é a importância da obra *Inocência*. Sobre as demais obras que compõem um conjunto confessional na trajetória de Taunay há poucos comentários ou nenhum. E, quando citadas, aparecem como escritas de viagem, relatos ou descrições, dentre outros, sem maiores explanações críticas sobre suas especificidades.

Irene Machado, em *Roteiro de Leitura: Inocência de Visconde de Taunay* (1997), ao dissertar sobre a totalidade da obra do autor, menciona, entre silêncios, o nome de *Memórias*:

Embora a consagração literária de Taunay tenha se limitado a duas obras, o conjunto diversificado de sua produção escrita muito contribuiu para que seu nome seja sempre lembrado, citado e respeitado. As *Memórias* de Taunay foram publicadas depois de sua morte, ocorrida a 25 de janeiro de 1899. (MACHADO, 1997, p. 14)

Nota-se que em nenhum momento a crítica Irene Machado adjetivou a “produção escrita” como propriamente literária. A obra em estudo aparece citada como exemplo, portanto, de uma produção auto-promocional, ou seja, que garante ao escritor ter seu nome lembrado.

Em Candido, Bosi, Coutinho e Machado não encontramos, portanto, um lugar para a obra *Memórias*, visto que, conforme afirmamos anteriormente, os textos de cunho confessional costumam ser apartados da história das demais obras de ficção e passam a fazer parte de um cânone separado.

Se na historiografia literária brasileira não há lugar para *Memórias*, este texto, no entanto, é comumente citado como referência, ou fundação, quando se comenta, em enciclopédias e dicionários, sobre a escrita das memórias no Brasil: “Memorialista típico do Segundo Reinado é igualmente Alfredo de Escagnolle Taunay, cujas *Memórias*, por determinação expressa do autor, só aparecem em nossos dias (1948)” (CÉSAR, 1969, p. 627).

Estamos diante, portanto, de uma obra que, apesar de escrever o Brasil, continua à margem da historiografia literária brasileira, porque a ela não está assegurado um valor especificamente literário. Assunto que trataremos a seguir.

4.1 O valor literário das *Memórias*

Existe uma diferença entre realidade e verdade. Cada vez mais percebo, quando escrevo, que em nome da verdade preciso modificar permanentemente a realidade. A realidade soterra a verdade. Para a verdade literária é preciso deslocar, inventar a realidade.

Kurt Drawert

Apesar de *deslocar e inventar* a realidade, como toda narrativa, o texto das *Memórias* continua sendo recebido como um fazer não-literário. Terá sentido insistirmos neste exílio?

Para que possamos discorrer sobre o valor literário da obra *Memórias*, tentaremos traçar algumas definições de Literatura consideradas, por alguns teóricos, como válidas, apesar de sabermos da impossibilidade de propor para um objeto em eterna modificação como a literatura, definições de caráter fechado e acabado.

Segundo Terry Eagleton (2003, p. 01), “Muitas têm sido as tentativas de se definir literatura”, estas tentativas, no entanto, não passam de reflexões cumulativas e renovadoras. Neste âmbito, o que colocaremos aqui como definição será apenas um esboço de considerações pertinentes para dialogarmos com a obra, uma vez que não são “propriedades específicas, mas apenas critérios mutáveis de grupos sociais” (CULLER, 1999, p. 29)

Ao tentar delinear um conceito de Literatura para traçarmos uma reflexão sobre a obra *Memórias*, encontramos em Antonio Candido (CANDIDO, 2002, p. 45) um ponto de partida: “Ela (a literatura) exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo”. Neste âmbito, percebemos que quando fala de si, a literatura acaba falando do outro, isto é, na medida em que está em jogo a construção de uma consciência, é construída também a do(s) outro(s).

Quando nos remetemos às *Memórias*, percebemos que ao reter o passado, a partir de sua visão singular, acaba compondo um panorama humano de reflexões, não apenas individuais. Vejamos o longo trecho a seguir:

No correr destas “Memórias”, ainda muitas vezes falarei de Caxias, que me mostrou sempre particular simpatia.

Mas... que é glória, que vale o renome e de que servem grandes e contínuos serviços prestados sem tréguas, durante a vida inteira, a concidadãos?

Tem aqui lugar incidentezinho, cheio de ensinamentos, da mais fiel autenticidade e que, na ocasião, abriu ensanchas a não poucas reflexões minhas melancólicas e, mais que isso, dolorosas...

Meses depois do falecimento do benemérito Duque, expuseram no salão Moncada um retrato de tamanho natural, quase corpo inteiro, e por sinal bem parecido – creio que obra do pintor Joaquim Fragoso. Em grande sala, fardado e com todas as suas grã-cruzes, placas e medalhas de campanha, via-se no fundo, ao longe, um acampamento em que manobravam grupos de soldados.

Estava eu olhando para o quadro, quando se chegaram duas pessoas trajadas com certa elegância e que não me eram estranhas, tendo-as por vezes encontrado em sociedade sem as conhecer, nem lhes saber o nome e a posição. “Quem é este figurão? Perguntou uma delas a outra, que abanou negativamente a cabeça. Talvez um coronel da Guarda Nacional... Ora veja que desfrute, aquê! acampamento!... Sem dúvida, algum coitado lá da roça que nunca imaginou o que fosse guerra!...”

E lá se foram os dois, formulada tão estrambótica e inconsciente suposição acerca do homem que mais pelejara pela integridade do Brasil e, em penosas campanhas no estrangeiro, dera à pátria largos dias de inexcedível fulgor!... (p. 399)

O trecho destacado encerra a parte LXVII das *Memórias*. O que inicialmente nos chama atenção, tal como ocorre em inúmeras passagens da obra, é a diversidade de níveis narrativos, ou de realidade, dentro deste episódio. Em primeiro lugar o narrador comenta a relação de simpatia instituída entre o Duque de Caxias e a sua pessoa para, no parágrafo seguinte, impulsionado pela memória da personalidade histórica, introduzir uma reflexão adversativa: “mas...” acompanhada da sua própria sabedoria, fruto de inúmeras vivências. Após essas explanações iniciais, o narrador sábio, memorioso, dá a palavra para que o narrador do passado, que vivera aquele fato meses depois da morte do Duque, possa nos dar a impressão daquela época e a sensação de já ter visto as demais personagens da cena. Neste momento, um outro nível se apresenta: o da própria representação instaurada pelo comentário descritivo sobre o quadro e sua relação com o real “e por sinal bem parecido”. Aí começa a narração do fato propriamente dita, a que o narrador batiza de “incidentezinho”, no diminutivo, para reforçar a própria questão filosófica que o episódio apresenta e que versa sobre a relação entre a glória e o esquecimento. A anedota se encerra e novamente o narrador, distante dos fatos, parece retomar a narração tecendo comentários conclusivos sobre a figura militar que trabalhara, na sua concepção, tão enfaticamente pelo Brasil.

Ao contar sobre sua vida, Taunay, além de mencionar os fatos que lhe ocorrera, traz também, para o palco das suas considerações, o momento histórico e o cenário daquela época, criando assim uma transposição do real. Ou, como salientamos, uma espécie de *deslocamento* e de *invenção*. Neste trecho, percebemos um deslocamento de níveis de atuação do narrador (mais próximo ou mais distante dos fatos), além de ser um relato ou

incidentezinho que ocorre dentro de outra narrativa maior. Como emblema destas considerações ainda podemos mencionar o retrato, que parece pertencer a um outro nível, que também inclui a questão da apreciação estética.

Para Candido (2002, p. 53), a literatura “é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos”. Com isso, compreendemos que a literatura é a fala do mundo. O escritor cria um discurso desse mundo, por meio da imagem do próprio mundo. Taunay, nesta perspectiva, reconstrói o mundo em que viveu por meio do discurso literário, ou, como quer Afrânio Coutinho (1976, p. 09), por meio da transfiguração do real: “A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade”.

É nessa retransmissão da realidade, por meio da linguagem literária, que Taunay, no gênero autobiográfico, afirma narrar segundo um critério, ou método, apresentado por ele como mais próximo do real para criar em sua obra uma “expressão de uma experiência do escritor através do enunciado” (MOISÉS, 2002, p. 313).

Apesar desta intenção anunciada como modo de trabalho, podemos ver, na estrutura do trecho selecionado, uma variedade de níveis que pode ser comparada à idéia de literatura. Para o crítico Italo Calvino (Cf. CALVINO, 2007, p. 374-5), a obra literária pode ser definida como uma operação na linguagem escrita que comporta vários níveis de realidade que podem se manter separados ou se fundir, encontrando uma harmonia entre eles ou mesmo contradições explosivas. Numa outra acepção, segundo Eagleton (2002, p. 02), “Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar”. Quando pensamos nessa afirmação, ainda que vaga, vemos que a obra de Taunay é marcada por uma estilização formal e por um método, além de ser uma escrita dotada de certo tom poético. Como podemos ver a seguir:

Como o olhar, à medida que mais e mais nos alçávamos, alcançava longe, abrangia, entre as abertas da possante soberba vegetação, espaços enormes, campos e campos coloridos pelos mais singulares e mais suaves tons rosicler, roxo e avermelhado! Lá embaixo surgiam colunazinhas de fumaça, máculas acinzentadas na coloração azulada uniforme do fundo do quadro: era o fogo que os paraguaios ateavam a certos pontos da planície. E encheu-me o coração um movimento de indignação e dor ao ver assinalada, ali, diante de mim, irrecusavelmente, a ocupação do solo da Pátria pelo feroz inimigo! (p. 246)

As recordações, os momentos históricos, os detalhes, o tom poético, tudo isso se entrelaça na obra *Memórias* à medida que se busca a representação do real. Neste embate estabelece-se uma concordância entre o vivido e a escrita, mas ao mesmo tempo compreendemos que algo novo surge, pois a narração tem, embutida em si, todo um contexto que estava inserido. A apreensão do real é, portanto, filtrada pelas escolhas lingüísticas e pela ideologia do escritor.

Nas palavras de Compagnon (2003, p. 37) “A literatura confirma um consenso, mas produz também a dissensão, o novo, a ruptura”. Se verificamos ideologicamente um consenso no que tange à questão do amor à pátria, fica registrada, singularmente, por meio de uma linguagem descritiva pictórea, marca do *descriptor*, conforme o crítico Alfredo Bosi (1989, p. 60) o nomeara, a sensação do amor atrelada à visão de uma paisagem marcada por diversos matizes. Vemos algumas correspondências óbvias entre a fumaça que *macula* o quadro e a invasão dos paraguaios que *macula* o território brasileiro, mas, não podemos deixar de perceber a capacidade descritiva da cena, amparada pelo uso dos adjetivos, das repetições, dos intensificadores, do diminutivo.

Mesmo que se possa propor um extenso diálogo sobre o texto de Taunay e as características de um texto literário, não imaginamos, ou é nosso objetivo, assegurar para a obra em questão um valor indiscutível. Nossa função, de menor extensão, é discutir a obra, mostrando que se trata de um texto que não é meramente informativo, de um escritor que já deixara uma obra consolidada e que, portanto, não precisa destas memórias exclusivamente para sua elevação pessoal.

Para Taunay, muito provavelmente, tratava-se de uma espécie de remate narrativo que comentaria, inclusive, a criação de suas demais obras, além de poder tecer, no alongado da existência, um painel escrito dentro da tradição literária das memórias, tradição que se inicia no Brasil com essa empreitada.

Contudo, o valor da obra *Memórias* ficou relacionado a uma leitura cristalizada do gênero confessional. A nosso ver, a obra merece ser reconhecida no panorama literário, assim como *Inocência* e *A Retirada da Laguna*. Falar em reconhecimento, não é pensar em algo elevado, mas sim dar-lhe o que é seu por direito, um lugar em que seja possível apreciar, por sua natureza ficcional de feição literária, a forma da narrativa memorialista preenchida por Taunay com o mesmo talento de artista, com as mesmas nuances matizadas que fizeram dele o escritor que conhecemos.

4.2 O lugar reservado às *Memórias*

Os países jovens tendem a ver o passado como algo longínquo. Na verdade, a intimidade com o passado surge à medida que envelhecemos.

Paulo Emilio Salles Gomes

Se é impossível “ser” sem “estar”, e acreditamos que *Memórias* é um texto que merece ser debatido por ser uma representação do conceito de literário, por conseguinte, temos que assegurar, a este texto de valor, um lugar específico.

O lugar hodierno reservado para a obra *Memórias* não deixa de ser um lugar de importância: marco de origem da escrita de memórias no Brasil.

No verbete ‘autobiografia’, do *Dicionário de Termos Literários*, Massaud Moisés cita a obra *Memórias* como representante de uma escrita autobiográfica: “a autobiografia, na sua forma estrita ou na mescla com as demais expressões fronteiriças, começou a ser cultivada no século XVIII [...] Entretanto, as duas últimas centúrias é que têm sido pródigas na matéria” (MOISÉS, 2002, p. 51). Juntamente com Taunay outros nomes aparecem para representar este tipo de escrita no Brasil, sendo eles: Raul Brandão, Teófilo Braga, Joaquim Nabuco, Rodrigo Otávio, Medeiros e Albuquerque, Gilberto Amado, Álvaro Moreyra.

As *Memórias*, para Massaud Moisés, não é um exemplo apenas de obra regionalista tal como *Inocência*, mas representante de uma tradição narrativa ligada especificamente ao ato mnemônico.

Além deste lugar específico na escrita de memórias em nosso país, dentro do circuito confessional da obra do autor, *Memórias* assume também uma posição central: a de discorrer sobre a sua produção literária e comentar aspectos relativos à escrita e à publicação destes textos, conforme percebemos no exemplo destacado,

Aliás, para todos os pormenores desta parte da guerra do Paraguai, consulte-se o *Diário do Exército*, que escrevi, dia por dia, e mereceu, como livro, grandes aplausos dos entendidos. (p. 429)

Portanto, a obra em questão, de longa extensão e longa cronologia de enredo, escrita por um escritor consagrado dentro dos estudos literários brasileiros, pode ser vista, por si, como obra de feição literária. Hoje ela é apenas aceita ou reconhecida dentro de esferas menores, tais como a da escrita das memórias. A nosso ver a obra merece, por seu valor

narrativo, figurar dentre as obras oitocentistas da Literatura Brasileira ou, ao menos, ser objeto de estudo neste momento em que vem à tona tão largamente a questão da memória como produção literária e como forma de salvar da morte a experiência humana.

Aproveitando a epígrafe deste sub-capítulo, vale ressaltar que, do nosso local de fala, no século XXI, acreditamos que *a intimidade com o passado* já se encontra passível de ser averigüada e reclama por nós e por uma intervenção crítica, *à medida que envelhecemos*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado teve como objetivo promover uma reflexão sobre a obra *Memórias*, de Visconde de Taunay, obra esquecida pela crítica tanto por ser publicada muito depois do seu momento de escrita, quanto por pertencer a um universo dito confessional, que é comumente afastado das obras conhecidas como verdadeira literatura, em que a transfiguração do real assume contornos mais distantes da referência, tal como em *Inocência*.

Inicialmente, após a apresentação da obra base e de suas singularidades, mostramos a relação de *Memórias* com as demais obras selecionadas por nós e que compõem um circuito confessional variado dentre as quase quarenta obras escritas pelo autor: *A campanha do Matto Grosso - Scenas de Viagem, Diário do Exército e Irecê a Guaná*. Neste conjunto, *Memórias* assume uma posição central, pela qualidade de seu texto e por refletir sobre as demais produções do escritor, visto que ao retroceder sobre sua existência, Taunay também se debruça sobre as obras que produziu.

Ao refletirmos sobre a questão do uso da forma narrativa das memórias, escrita em que um “eu”, geralmente de importância reconhecida, volta ao passado para entender o presente, nos enveredamos por duas acepções historicamente plantadas para este termo.

A primeira diz respeito ao momento da escrita da obra, em que o reinado do Positivismo e a crença na ciência faz com que a idéia de exatidão e de método assumam contornos importantes. No entanto, as *Memórias*, ainda que seja um exemplo de organização, de método de trabalho e de crença de verdade, não se submete ao caráter político que este movimento assumiu no Brasil: o de defensor da República.

O segundo conceito de memória, por nós apresentado, está ligado a um momento posterior, ou seja, ao século XX, período da publicação tardia da obra. Nesta perspectiva, a escrita das memórias passa a ser vista como uma forma de difusão de informação, contra o controle instaurado pelo autoritarismo. Também a obra de Taunay guarda informações importantes que o escritor quer salvar do momento político em que está inserido ao final de sua existência, um momento que quer afastar de si tudo que estiver relacionado ao antigo modo de governo: a Monarquia constitucional.

Para compreender a obra *Memórias*, foi preciso relembrar o contexto em que ela estava inserida, isto é, o comportamento narrativo naquela época. Assim, percebemos que, amparada por um ambiente positivista, do qual o rigor científico é mestre, a obra se nos

apresenta cheia de métodos, detalhes. Taunay se dispõe a escrever a verdade. E é dentro deste modelo científico como suporte de verdades, de exatidão, própria do século XIX, que o escritor deixa *Memórias* à posteridade.

Na posteridade almejada, o conceito de memória havia assumido novos contornos, em que a memória passa a ser sacralizada. Considerando que a obra *Memórias* foi escrita antes da sacralização das memórias e antes mesmo da compreensão contemporânea desse gênero, foi interessante notarmos a mesma intenção sacralizada em Taunay: lançar para o futuro a sua visão do passado, ou seja, uma tentativa de promover a difusão das informações de que ele tem posse.

Apresentada entre o rigor do Positivismo e a descrença na República, as explanações de Taunay que formam o corpo do texto das *Memórias*, foram por nós discutidas também segundo uma perspectiva literária, já que toda escrita traz consigo traços particulares de um eu, o qual traz subjacente uma formação pessoal, que engloba saberes culturais, sociais, políticos e profissionais, e que se entrecruzam no tecer narrativo.

Neste âmbito, assegurado o seu valor ficcional de obra que desloca e inventa o real, voltamos nosso olhar para seu teor literário, usando como ponto de partida, as concepções de literatura apresentadas por Antonio Candido, Italo Calvino e Terry Eagleton, dentre outros, com o intuito de promover um pequeno diálogo entre a obra base e os conceitos aceitos como propriamente literários. Apesar de parcelar, nosso estudo mostrou que o diálogo é possível e que a obra deveria ser vista como literária e ocupar um lugar na Historiografia Literária Brasileira, estudo temporal da literatura nacional que sempre pode ser passível de revisão.

Mais do que apontar um lugar específico na Historiografia, foi nosso objetivo apontar a necessidade de pesquisa na área, visto que nem o passado literário nacional, no que tange à literatura, está sistematizado.

Mesmo que não apareça na longa linha do tempo da literatura brasileira, é válido ressaltar que a obra *Memórias* é reconhecida dentro dos limites da historiografia da Literatura Confessional, pois marca o ponto de partida desse gênero juntamente com a obra *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco.

A obra *Memórias*, conforme pudemos averiguar, procura mostrar, por sua ótica singular, as várias facetas de uma existência nacional, filtrada pela recordação de seu autor. Apesar de extensa, é dotada de leveza, mesmo quando os períodos mais conturbados são relatados. Acreditamos que essa característica é fruto do distanciamento que ocorre entre a escrita e o real, ou a tensão dos fatos, marca da escrita de memórias.

Por meio desta pesquisa inicial, constatamos que as várias possibilidades de leitura que a obra *Memórias* comporta não exclui a leitura literária e ao voltar ao passado da escrita oitocentista no Brasil, é também uma forma de compreendermos nosso presente, no qual a profusão destes escritos sob a perspectiva de memória parece prevalecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. “História e Memória dos Ressentimentos” In: BRESCIANI , Stella & NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 15-36.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 2 ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOSI, Alfredo. “As fronteiras da Literatura” In: AGUIAR, Flávio (org.) *Gêneros de Fronteira: cruzamento entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997. p. 11-19

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

CARDOSO, Marília Rothier. “Auto-retrato retocado: em torno de ‘Minha Formação’ de J. Nabuco” .In: *O Eixo e a Roda*. Revista de Literatura Brasileira. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Letras. v. 6. nov. 1988. p. 61-79.

CABALLÉ, Anna. *Narcisos de tinta*. Madrid: Megazul, 1995.

CALVINO, Italo. *Una pietra sopra: Discorsi di letteratura e società*. Milano: Mondadori, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 8. ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1997, vol. I e II.

CANDIDO, Antonio. “Literatura, espelho da América?” In: *Remate de Males*. Revista Remate de Males. Campinas: Editora da Unicamp. 1999. p. 105-113.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história*. 8 ed. São Paulo. T. A. Queiroz. 2002.

CÉSAR, Guilhermino. “Memorialismo no Brasil” In: COELHO, Jacinto do Prado (org.) *Dicionário de Literatura*. Rio de Janeiro: CBP, 1969.p. 627.

COMPAGNON, Antonie. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 2 ed. Editorial Sul-Americana S.A. Romantismo. Vol II Rio de Janeiro 1969.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DIDIER, Béatrice. *Le Journal Intimate*. 2 ed . Paris: P.U.F.1991

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 5 ed. São Paulo: Martins, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Memória e Esquecimento: linguagens e narrativas”. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 85-94.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt* / Peter Gay. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GIRARD, Alain. *El diario como género literario*. Revista de Occidente. Madrid, n. 182/183, p. 31-39, jul./ago. 1996.

GONDAR, Jô. & COSTA, Icléa. J. M. *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

JUNIOR, J. R. *O que é Positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Primeiros passos, 72)

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5 ed. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico y Critico de la Filosofía*. El Ateneo: 1967

LEJEUNE, Philippe. *El Pacto Autobiográfico y otros estudios*. Tradução Ana Torrent. Madrid: Megazul-Endymion, 1994.

MACHADO, Irene. *Roteiro de leitura: Inocência de Visconde de Taunay*. São Paulo: Ática, 1997.

MACIEL, Sheila Dias & MEDEIROS, Ana Vera Raposo de. A configuração das memórias em *São Bernardo e Memórias do Cárcere*. In: *SIGNÓTICA*. Goiânia: Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística/Faculdade de Letras, 2007. v. 19. n.1 (jan. Jul. 2007) p. 15-32.

MEDEIROS, Sérgio. “Apresentação” In: TAUNAY, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2005. p.11-18.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

NICOLA, Abbagnano. *Dicionário de filosofia*. Tradução Alfredo Bosi 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NUNES, Benedito. “Historiografia Literária”. In: *Crivo de Papel*. São Paulo: Ática, 1998. p.205-246.

PINTO, Julio Pimentel. *Uma Memória do Mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

SEIXAS, Jacy Alves. “Percurso de Memórias em Terras de História: Problemáticas atuais”. In: BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.p. 37-58.

TAUNAY, Affonso de Escragno. “Duas Palavras”. In: *Scenas de Viagem*. São Paulo: Irmãos Marrano, 1923. p. 05-06.

TODOROV, Tzvetan. *Los Abusos de la Memoria*. Madrid: Paidós/Asterisco, 2000.

WALTY, I.L.C. *O que é ficção?* São Paulo: brasiliense, 1985. (Princípios, 156)

OBRAS DO ESCRITOR

TAUNAY, Alfredo D' Escragno, Visconde de. *Scenas de Viagem*. São Paulo: Irmãos Marrano, 1923.

TAUNAY, Alfredo D' Escagnolle, Visconde de. *Diário do Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

TAUNAY, Alfredo D' Escagnolle, Visconde de. *Irecê a Guaná*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

TAUNAY, Alfredo D' Escagnolle, Visconde de. *Memórias*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

ANEXO

Expressões ligadas à idéia de memória

Na primeira parte são apresentadas as seguintes expressões: “uma das mais afastadas e prestigiosas recordações da primeira meninice” (p. 30); “tenho reminiscências muito longínquas e apagadas” (p. 30); “ainda me recordo da atração” (p. 30); “Lembro-me bem da impressão que me causou” (p. 30); “vagamente me lembro das feições de meu tio Teodoro” (p. 30); “essas recordações da escravidão” (p. 31); “e me lembro do desgosto que me produziram umas bofetadas”. (p. 31); “As reminiscências mais bem-gravadas e fixas na minha memória refere-se à morte desse tio Teodoro de Beaurepaire” (p. 31); “representa grande papel nas minhas recordações da meninice” (p. 32); “Quase nada me recordo da vasta e mortífera epidemia da febre amarela, em 1850” (p. 33); “Mais um pouco me lembro da nossa estada no ano seguinte de 1851” (p. 33); “Daquela estada no Engenho Novo conservo algumas lembranças mais fixas e certas” (p. 33); “No fim – se não me engano - tive grave moléstia” (p. 34); “Creio que hoje assim se afigura à lembrança de toda a minha gente”; “Lembro-me que, em certa ocasião” (p. 34); “Tenho bem vivas as amenas perspectivas que se desfrutavam” (p. 34); “nunca mais me esqueci do som daquela voz” (p. 38); “Não me lembro de fato algum saliente” (p. 38); “lembro-me de episódios daquele ano de 1853” (p. 39); “uma companhia de navegação, não me lembro qual” (p. 40); “Quando me lembro dele” (p. 42); “Bem me recordo do quanto custava a meu pai” (p. 43); “pois agora minhas reminiscências cobram mais segurança e se afirmam com muito mais lucidez” (p. 43); “uma reminiscência de passagem” (p. 47); “ordem de recordações ligadas a esse displicentíssimo” (p. 48); “as reminiscências daquela época” (p. 51); “que ocupara tão grande espaço nas minhas recordações da meninice” (p. 60); “Lembrei-me do recurso do choro” (p. 61); “daquela estada me ficaram ainda indeléveis e suaves recordações” (p. 66); “substituída a saudade de todos eles” (p. 66); “Bem vivas e presentes as reminiscências daquela época” (p. 66); “Que noites de luar na saudosa Jurujuba!”; “Não se me desbotaram da memória.”(p. 68); “recordavam da prateada e gentil Zizinha e do sempre lembrado Luís de Escragnolle” (p. 68); “Não me lembro de que modo nos transportamos” (p. 70); “lembrei-me de que, desde a infância” (p. 83); “Lembro-me bem de um tal Lima” (p. 84); “E ainda hoje me punge o remorso de haver

contrariado” (p. 86); “Ainda me revejo hoje” (p. 86); “pois elas destroem uma da minhas mais saudosas recordações” (p. 87); “conciliar toda essa série de gratas reminiscências” (p. 89); “e outros de que me lembro vagamente” (p. 92).

Na segunda parte também encontramos essas marcas lingüísticas: “Se bem recorde nesses três anos” (p. 101); “e desse tempo me lembro de umas calças” (p. 101); “não pouco me conteve a lembrança” (p. 102); “Daquele ano de 1859 guardo singular recordação” (p. 104); “a miúdo se repetiam cenas que me lembravam o célebre” (p. 106); “Bem presente tenho à memória o dia” (p. 108); “devido à lembrança do meu tio” (p. 109); “na minha barraca de campanha, rememorei os mil incidentes da nossa vida” (p. 111); “lembramo-nos como diversão” (p. 118); “Ainda me lembro com que satisfação” (p.127); “Não me lembra mais quem era o seu comandante” (p. 128).

Na terceira parte são estes os registros: “a mais apagada lembrança” (p. 135); “rebeldia da lembrança” (p.135); “Lembro-me de uma noite em que nos contamos” (p. 143); “Ainda me lembro” (p.146); “certas recordações” (p. 146); “aos meus olhos muito me lembrava a subida da Tijuca” (p. 147); “ e a saudosa rememoração” (p. 147); “me lembrava Hércules” (p. 149); “não me recorde mais que novela” (p. 150); “extasiando-se da minha execução e da memória com que retinha muitos trechos de óperas” (p. 161); “se bem que me lembro” (p.168); “Acudiu-me mistificadora lembrança” (p. 168); “Mil pensamentos de ordens mui diversas tumultuaram-me na mente, sem exceção da lembrança pungente” (p. 184); “tão insignificantes se gravaram fundo na minha memória, mas bem me recorde” (p. 185); “Lembra-me isto uma travessura” (p. 187); “lembro-me, com certas saudades” (p. 188); “Foi lembrando me da casa do Piquiri” (p. 194); “aberta na compacta floresta de reminiscência decoradas” (p. 201); “E aí me acudia à lembrança certo episódio” (p. 203); “dominado por aquela insistente recordação” (p. 203); “muitas dessas divagações me amenizavam as tristezas no obrigado retiro” (p. 207); “mais como recordação do lugar do que para qualquer outro fim” (p. 207); “juntar elementos de recordação, assinalar nos tempos idos pontos mnemônicos” (p. 208); “suscitem um mundo de reminiscência” (p. 208); “todas essas instigações à nova cidade da memória?” (p. 209); “E isto me traz em lembranças o exagerado rigor” (p. 211); “Recapitulando a minha vida, olhado para o passado” (p. 218); “É mais uma homenagem que presto à memória daquele ínclito soberana” (p.203); “Bem a definiu não me lembra mais quem” (p.221); “na vaga aberta pela morte não me recorde mais de quem” (p. 226); “à falta de uma mulher a quem dedicar os meus pensamentos mais íntimos e saudosos” (p. 229); “de quem certamente ninguém mais lembra” (p. 229); “Nenhuma lembrança” (p. 234); “Quanta saudade da minha gente” (p. 235); “sempre me ficaram na lembrança” (p. 237); “Julgo que

poucos experimentaram o que padeci só naquela memorável expedição de Mato Grosso!”(p. 237); “lembrei-me, então, da belíssima descrição” (p. 240); “com silêncio e o esquecimento” (p. 245-6); “sem me lembrar, no momento” (p. 248); “Também as recordações amáveis e sorridentes me salteiam” (p. 249); “Lembro-me da dor agudíssima” (p. 249); “Ao recordar-me do que me sucedera” (p. 249); “Agora não me lembra, talvez para diante me recorde” (p. 257); “Não pouca gratidão devemos à sua memória” (p. 260); “evocar a lembrança desse bom obscuro camarada” (p. 261); “Que saudades agora, neste momento, sinto, ao lembrar-me daquele estupendo cenário” (p. 265); “Recordo-me bem, a este respeito” (p. 265); “Neste momento bem me recordo do mágico esplendor” (p. 267); “Pensando por vezes e sempre com sinceras saudades daquela época” (p. 277); “cuja lembrança tanto me ocupava” (p. 277); “deixando entre os soldados e oficiais grata lembrança” (p. 279); “Nada! a memória rebelde” (p. 280); “não me lembro que Universidade” (p. 282); “a memória de Cesário” (p. 283); “bem me lembro o dia” (p. 285); “Quantas recordações vivas e penosas” (p. 286); “lembrou-se lhe dar calomelanos” (p. 287); “me girava na mente” (p. 294); “por pouco que fosse, a saudosa e inesquecida” (p. 294); “lembro-me bom, foi a 12 de dezembro” (p. 295); “as saudades que por mim curtia” (p. 295); “ Em mim deixou indestrutível lembrança de frescor, graça e elegância” (p. 296); “ainda gratos à minha lembrança” (p. 301); “Impossível clima mais saudável e ameno” (p. 302); “sem mais nos lembrarmos da terrível *perneira*” (p. 304); “Bem me recordo do quanto enrubesci” (p. 306); “senão penosa recordação” (p. 312); “Não quero, porém, rememorar nestas páginas” (p. 313); “Bem me recordo da noite” (p. 327); “quando de repente me lembrei da bolsa” (p.329); “consultava as reminiscência” (p. 333); “ a minha saudosa pousada de outrora” (p. 339); “Quando hoje me reporto àqueles momentos” (p. 340); “Que singulares emoções, as minhas, entres saudosas e terríficas” (p.345); “saudade mesmo daquilo” (p. 345); “mil sentidas recordações” (p. 346); “poder de rememoração o meu” (p. 347); “Quantas dolorosas reminiscências de tudo” (p. 350); “boa e grata recordação” (p. 350); “fartar as saudades” (p. 360); “que não esqueci de indicar naquele livro” (p. 360); “(bem me lembro, chamava-se Tamboril)” (p. 361); “vi o tipo de que me lembrei” (p. 365); “e lembrei-me da frase tão exata e expressiva” (p. 366); “Que admirável conjunto, minutos apenas contemplado e entretanto para sempre fixado na memória” (p. 366); “Não me recordo exatamente em que ponto” (p. 370); “Lembrei-me de lhe administrar qualquer xaropada” (p. 377); “Com que saudades tornei à ver” (p. 379); “não sem saudades sinceras, do meu cavalinho Pinhão, tudo por trinta e seis réis, se não me falha a memória, talvez até menos” (p. 379); “ E desta estada guardo bem agradáveis recordações pela muita vivacidade que pos as minhas reminiscências de criança” (p. 386); “bem valiosos serviços, rememorados, aliás” (p.

391); “dois fatos se salientam particularmente na minha memória” (p. 394); “que muito honra a memória de Caxias” (p. 398); “não me lembra em que parte” (p. 398); “LEMBRO-ME bem da intensa alegria” (p. 400); “aproveitando a memória fresca dos fatos” (p. 401); “reconheci grandes lacunas nas minhas reminiscências” (p. 402); “não tinha senão lembrança vaga e mal-esboçada” (p. 402); “arrepios e o pavor da morte a rememora por modo tão vivo” (p. 402); “e tão depressa me iam fugindo da lembrança” (p. 402); “Não me recordo absolutamente” (p. 403); “me apresenta à memória por modo bastante apagado” (p. 403); “não me ficaram certamente agradáveis recordações” (p. 410); “Lembro-me bem vivamente da impressão desagradável” (p. 416); “a Imperatriz D. Teresa Cristina Maria, de saudosa memória” (p. 416).

Quanto à quarta parte da obra, esta apresenta as seguintes marcas lexicais de apego ao ato de recordar: “Perdi este manuscrito, lembro-me” (p. 424); “Rememorar os serviços” (p. 429); “se o relembro” (p. 430); “é precaução bem lembrada” (p. 434); “lembra-me eu do seu nome” (p. 435); “Ainda me lembro das gargalhadas que dei” (p. 436); “Recordo-me perfeitamente” (p. 438); “lembrarei de passagem quanto Osório” (p. 439); “cujo nome não me acode” (p.439) “Com inapagáveis eternecimento e gratidão, lembro-me da alegria e pressurosidade” (p. 448); “as saudades do tempo da Monarquia” (p. 449); “e nem quero recordar-me das cenas que se passaram” (p. 452); “LEMBRO-ME bem que, ao desembarcarmos” (p. 454); “os tão saudosos Morros” (p. 454); “deles conservou tão desagradável lembrança” (p. 456); “Rememoremos, porém, alguns ditos chistosos e picantes” (p. 465); “Ao acaso das reminiscências” (p. 465); “cuja presença não me lembro bem” (p. 472); “mas, se bem me lembro” (p. 473); “Lembro-me que quis acompanhá-lo” (p. 478); “mas assim mesmo saudosos tempos” (p.478); “Lembrei-me, então, que havia deixado” (p.480); “Não me lembro bem de que ponto” (p. 486); “(ficou-me gravada na memória esta adjetivação)” (p. 493); “Deu-se tal esquecimento, se com efeito assim foi e como timbrei em não me fazer lembrado” (p. 496); “Quantas saudades tive” (p. 496); “Lembro-me bem que fiquei confortavelmente” (p. 497); “E a nostalgia do Brasil, as saudades da esposa, pos vivera todo o tempo, no Paraguai, em redoma de vidro, as lembranças” (p. 498); “Este nome que acorda penosas reminiscências evoca-me tocando também não poucas recordações” (p. 500); “Quanto me lembro do seu olhar velado” (p. 501); “Conservo ainda em memória o nome de certos lugares” (p. 506); “de quem sempre guardei a mais grata memória” (p. 517).

E, por fim, a quinta parte é composta das seguintes marcas lingüísticas: “cuja lembrança aplaudo sem reserva” (p. 524); “Lembro-me bem que aí” (p. 525); “não me recordo agora” (p. 525); “tudo se lhe riscaria da memória” (p. 527); “de felicíssima memória,

que lhe ministrava, no momento” (p. 527); “Faz-me este pesar retrospectivo lembrar” (p. 528); “voltaram-me todos à lembrança” (p. 528); “bem me recordo, pela quantia” (p. 528); “que faziam lembrar” (p. 531); “Repassava eu, em mente, toda a minha vida” (p. 531); “A dar rédeas à lembrança” (p. 534); “Lembro-me, como se hoje fora” (p. 541); “série de reminiscências” (p. 542); “dá-me o ensejo de muita rememoração agradável” (p. 542); “sempre que me recordo daquelas admiráveis paisagens marítimas de Santa Catarina, estas reminiscências tão gratas se me empanam de tristeza. Não posso rememorar-las sem ver” (p. 549); “Se não me falha a memória” (p. 550); “Lembro-me bem” (p. 551); “Lembremo-nos de que devemos” (p. 553); “Por curiosidade lembrarei alguns nomes” (p. 555); “Lembremos, porém, de passagem” (p. 560); “Estão me tão presentes à memória” (p. 560); “bem me recordo” (p. 562); “Lembra-me dois verdadeiros feitos” (p. 563); “esta saudosa vista de olhos pelo passado” (p. 563); “não me lembro mais de que pretexto” (p. 563).